UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS

LILIAN APARECIDA DE ARAUJO

Deslenguada: uma figuração da dissidência em val flores

São Paulo

2019

LILIAN APARECIDA DE ARAUJO

Deslenguada: uma figuração da dissidência em val flores

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestra em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em 05 de fevereiro de 2019. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na biblioteca digital de teses e dissertações da USP (BDTD), de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de Concentração:
Estudos Culturais

Orientador:
Prof. Dr. Luiz Gonzaga Godoi Trigo

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)
CRB 8 - 4936

Araujo, Lilian Aparecida de

Deslenguada: uma figuração da dissidência em val flores / Lilian Aparecida de Araujo ; orientador, Luiz Gonzaga Godoi Trigo. – 2019
79 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo.
Versão corrigida

1. Lesbianismo. 2. Feminismo. 3. Homossexuais. 4. Escritores - Argentina. 5. Flores, Valeria. 6. Deslenguada (obra literária) - Análise do discurso. I. Trigo, Luiz Gonzaga Godoi, orient. II. Título

CDD 22.ed.- 306.7663

Nome: ARAUJO, Lilian Aparecida de.

Título: *Deslenguada*: uma figuração da dissidência em val flores

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestra em Filosofia pelo programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais.

Área de concentração:
Estudos Culturais

Aprovado em: 05 /02 /2019

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Dolores Cristina Gomes Instituição: UFMT
 Galindo

Julgamento: Aprovada

Prof^a. Dr^a. Érika Cecília Soares Instituição: UFAL
 Oliveira

Julgamento: Aprovada

Prof. Dr. Fernando Silva Teixeira Instituição: UNESP- Assis
 Filho

Julgamento: Aprovada

*Dedico esse texto àquelas que fazem dos
desvios, os seus caminhos.*

Agradecimentos

Às(aos) funcionárias(os) da secretaria de Pós-Graduação da EACH. Às(aos) funcionárias(os) terceirizadas(os) e às(os) da biblioteca. Ao meu orientador Luiz Trigo, pela liberdade. Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) pela bolsa concedida.

Às professoras que compuseram a banca de qualificação, Maria Cristina Pereira e Elisabete Franco, grata pelas dicas e generosidade nas palavras. Às professoras Dária Jaremtchuk e Vivian Urquidi pela confiança, aprendizado e estímulo no estágio docência. Experimentar compartilhar conhecimentos com as(os) alunas(os) foi muito gratificante.

À amiga, companheira de ativismos e de mestrado, Yasmim Alencar, com quem pude dividir angústias e alegrias no processo de escrita, e à Márcia Balades pelo apoio e pelos jantares.

À Juliana Henrique, Júlia Oliveira e Laura, que muito me ajudaram com textos, conversas, dicas, palavras de incentivo e interpelações.

Às amigas que estiveram na torcida: Aline, Ciça, Cintia, Dani, Dara, Fernanda, Formiga, Gaby, Giulia, Jadde, Késia, Kwame, Lari, Lilian, Magal, Milena, Miriam, Raíssa, Valita, Thales e Talissa. Às amigas e companheiras de luta com quem tanto aprendi e serei sempre grata: Edy, Ivone, Marlene, Célia, Fátima, Rosângela, Ellen, Bruna, Flávia, Lúcia, Cecília, Keli, Sônia e Amelinha.

À Clarissa, por me acompanhar no *cuidado de si*.

À minha mãe Maria Aparecida pelo carinho e apoio que tive não só nesse período, mas pelo incentivo de sempre.

À val flores, por provocar em mim inspiração para a escrita.

Às estudantes de graduação da EACH, dotadas de uma postura feminista combativa e independente, com quem pude me juntar e prestar uma homenagem *in memoriam* à Jessica Pontes. Foi nossa forma de prestar indignação ao feminicídio e de expressar nossa luta. Cabe aqui também agradecer novamente à professora Elisabete Franco por impulsionar práticas na Universidade como o evento realizado em memória de Nelly Venite, também morta por feminicídio ainda este ano.

Por fim, à banca querida que, além dos laços de amizade, contribuiu para a crítica deste trabalho: Dolores, Érika e Fernando.

Abraço em vocês!

– *Shhhhhhh-n-ã-o-o-b-e-d-e-hhh-c-e-r-emos!*

RESUMO

ARAUJO, Lilian Aparecida de. ***Deslenguada***: uma figuração da dissidência em val flores. 2019. 79 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Versão corrigida

Essa dissertação apresenta resultados da pesquisa *Deslenguada: uma figuração da dissidência em val flores*, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Gonzaga Godoi Trigo, no contexto do mestrado acadêmico em Estudos Culturais, na Escola de Artes, Ciências e Humanidades, da Universidade de São Paulo, entre os anos 2016 e 2018. O objeto dessa pesquisa foi a obra *Deslenguada: desbordes de una proletária del lenguaje*, publicada na Argentina em 2010 pelas edições *Ají de Pollo*, por Valeria Flores, escritora lésbica feminista contemporânea dissidente. Tivemos como objetivo analisar a *Deslenguada* enquanto *figuração*, abordando a ideia de uma *proletária da linguagem*, a fim de reconhecer resistências da dissidência sexual em sua obra. A abordagem teórico-metodológica foi qualitativa e fez uso da Análise do Discurso. Para tal, percorremos os enunciados da *resistência* e da *dissidência*. A pesquisa teve caráter exploratório, cujos procedimentos foram a pesquisa bibliográfica e a partir de levantamento de referências teóricas de Val Flores. Utilizamos coleta de dados da internet, tais como artigos científicos, páginas da *web*, zines e entrevistas. Para abordar as figurações, passamos inicialmente pelos *conhecimentos situados* através de autoras como Adrienne Rich (1986), Patricia Hill Collins (1990) e Donna Haraway (1995). O reconhecimento de que a produção literária ou as artes, de maneira geral, estão inseridas numa esfera de disputa (econômica, política e social), produzindo significantes que circulam no imaginário social, nos impulsionou a compreender as maneiras pelas quais estas incidem sobre a produção de subjetividades. Concluímos que a figuração *Deslenguada* é inscrita como um contraponto, numa produção dissidente e imaginativa, perfurando as políticas cisheterocapitalista branca e patriarcal, que levam os sujeitos da dissidência sexual aos silenciamentos resultantes da opressão masculina e da heteronormatividade que se atualizam por meio da linguagem.

Palavras-chave: Lésbicas. Feminismo. Dissidência. Figurações. *Queer*. Resistências.

ABSTRACT

ARAÚJO, Lilian Aparecida de. ***Dislanguaged***: a dissidence figuration in val flores. 2019. 79 p. Dissertation (Academic Masters Degree in Philosophy) – School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2019. Corrected version.

This dissertation presents the outcomes of the research *Dislanguaged: a dissidence figuration in val flores*, upon the guidance of Professor Luiz Gonzaga Godoi Trigo, for the academic masters degree in Cultural Studies, at the Escola de Artes, Ciências e Humanidades, University of São Paulo, between 2016 and 2018. This research object was the book *Deslenguada: desbordes de una proletária del lenguaje (Dislanguaged: overflows of a language proletarian)*, published in Argentina, in 2010, by the publisher *Ají de Pollo*, by Valeria Flores, contemporary lesbian dissident feminist writer. Our objective was to analyse the expression *Dislanguaged* as *figuration*, approaching the idea of a *language proletarian*, in order to recognize the sexual dissidence resistance in her oeuvre. The theoretical-methodological approach was qualitative and used the speech analysis and, as for this, we've been through the statements of *resistance* and *dissidence*. The research has had an exploratory feature, being the procedures both the bibliographical research and Val Flores' theoretical references survey. We've used internet data such as scientific articles, web pages, zines and interviews. As to approach the figurations, we first turned to the *situated knowledges* brought by the authors Adrienne Rich (1986), Patricia Hill Collins (1990) and Donna Haraway (1995). Through the recognition that the literary production is inserted in a dispute realm – economical, political and social -, coming up with signifiers that are present on the social imaginary, we've been driven to understand how this falls on the subjectivity production. We've concluded that the figuration of *Dislanguaged* is inscribed on an imaginative and unsubmissive production, cracking the white and patriarchy cisheterocapitalist politics, as a counterpoise that silences the sexual dissidence, resulting from the masculine oppression and the heteronormativity that are updated due the language usage.

Keywords: Lesbians. Feminism. Dissidence. Figuration. Queer. Resistance.

RESUMEN

ARAUJO, Lilian Aparecida de. ***Deslenguada***: una figuración de la disidencia en val flores. 2019. 79 p. Disertación (Maestrado en Filosofía) – Escuela de Artes, Ciencias y Humanidades, Universidad de São Paulo, São Paulo, 2019. Versión corregida.

Esta disertación presenta los resultados de la investigación *Deslenguada: una figuración de la disidencia en val flores*, con orientación del prof. Dr. Luiz Gonzaga Godoi Trigo, en el contexto del maestrado académico en Estudios Culturales, en la Escola de Artes, Ciências e Humanidades, de la Universidade de São Paulo, entre los años 2016 y 2018. El objeto de esta investigación fue la obra *Deslenguada: desbordes de una proletaria del lenguaje*, publicada en Argentina, en el año 2010, por la editorial *Ají de Pollo*, por Valeria Flores, escritora lesbiana feminista contemporánea disidente. Tuvimos como objetivo analizar la expresión *Deslenguada* como *figuración*, abordando la idea de una *proletaria del lenguaje*, con el fin de reconocer en la obra resistencias de la disidencia sexual. El abordaje teórico-metodológico fue cualitativo y hace uso del análisis del discurso, y, para eso, recorreremos los enunciados de la *resistencia* y de la *disidencia*. La investigación fue de carácter exploratorio y sus procedimientos fueron la investigación bibliográfica y de referencias teóricas de Val Flores. Utilizamos recolección de datos de internet, tales como: artículos científicos, páginas web, fanzines y entrevistas. Para abordar las figuraciones, pasamos inicialmente por los *conocimientos situados* conceptualizado por medio de autoras como Adrienne Rich (1986), Patricia Hill Collins (1990) y Donna Haraway (1995). A través del reconocimiento de que la producción literaria, está inserta en una esfera de disputa – económica, política y social -, produciendo significantes que circulan en el imaginario social, fuimos impulsados a comprender las maneras por las cuales ésta incide sobre la producción de subjetividades. Concluimos que la figuración *Deslenguada* es inscripta en una producción imaginativa e insumisa, perforando las políticas cisheterocapitalistas blancas y patriarcales, como un contrapunto que restringe los sujetos de la disidencia sexual a los silenciamientos, resultantes de la opresión masculina y de la heteronormatividad que se actualizan por medio del lenguaje.

Palabras-clave: Lesbianas. Feminismo. Disidencia. Figuraciones. Queer. Resistencias.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FIGURAÇÕES	16
2.1 Aportes Metodológicos.....	17
2.1.1 <i>Descrições e reflexões sobre o processo metodológico</i>	<i>17</i>
2.1.2 <i>Técnicas e procedimentos de pesquisa</i>	<i>19</i>
2.2 O que são figurações?	21
3 <i>DESLENGUADA: UMA FIGURAÇÃO DA DISSIDÊNCIA</i>.....	34
3.1 O que é deslenguada?	35
3.1.1 <i>Transbordamento que anseia por conexão: a proletária da linguagem é auto-organizada</i>	<i>37</i>
3.1.2 <i>Transbordamento antirracista</i>	<i>39</i>
3.1.3 <i>Transbordamento rebelde.....</i>	<i>41</i>
3.1.4 <i>Transbordamento que situa a exploração da América Latina</i>	<i>41</i>
3.1.5 <i>Transbordamento contra o feminicídio</i>	<i>42</i>
3.2 Heterossexualidade Compulsória	45
3.2.1 <i>Acerca da Energia Criativa</i>	<i>47</i>
3.3 Dissidência da heteronormatividade	50
3.4 Resistência aos silenciamentos	51
4 A PROLETÁRIA DA LINGUAGEM.....	54
4.1 val flores: uma proletária da linguagem?	55
4.1 Escritura	56
4.1 Docência	59
4.1 Ativismo.....	63
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
4 REFERÊNCIAS.....	75

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho consiste nos resultados da pesquisa *Deslenguada: uma figuração da dissidência em val flores*, desenvolvida no período de 2016 a 2018, no contexto do mestrado em Estudos Culturais do Programa de Pós-Graduação da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.

O objeto dessa pesquisa foi o livro *Deslenguada: desbordes de una proletaria del lenguaje*, publicado na Argentina, em 2010, pelas edições *Ají de Pollo*, por val flores¹, escritora argentina contemporânea. Além disso, consideramos que a obra escolhida é uma das expressões atuais da literatura lésbica e *queer* da América Latina.

De acordo com Mabel Bellucci (2017), a *Ají de Pollo* surgiu em 2003, na Argentina. No início, existia como um coletivo autônomo com uma perspectiva *queer*, que se reunia para discutir dogmas do pensamento feminista, cujas integrantes foram: Josefina Fernández, antropóloga e pesquisadora; Paula Viturro, docente e pesquisadora; Lohana Berkins, ativista; Mónica D’Uva, ativista e poeta; Silvia Catalá, jornalista; Victoria Barreda, antropóloga e docente; e Silvana Fernandez.

Tivemos como objetivo analisar a *figuração* na obra *Deslenguada*, que traz textos da autora abordando a ideia de uma *proletária da linguagem*, a fim de reconhecer resistências da dissidência sexual em suas narrativas.

O problema de pesquisa parte da seguinte questão: De que modo as *figurações*, como a presente na obra de val flores, oferecem resistências aos “[...]regimes de poder que são convergentes de opressão masculinas e heterossexistas”? (BUTLER, 2003, p. 59)

Logo, para refletir sobre a questão na obra mencionada, utilizamos o conceito de *figurações*, contextualizando-o a partir da biografia da autora e do contexto sociocultural da Argentina, país onde reside a autora, que atua politicamente se pautando pela visibilidade lésbica, *queer* e sua ética dissidente.

Dentre as *ficções políticas* criadas pelas feministas contemporâneas, realçamos que as *figurações* de val flores têm sido produzidas segundo uma

¹ valeria flores. Utilizaremos no decorrer de todo o texto seu nome em letras minúsculas, tal qual a autora prefere. Para citar mais um exemplo, bell hooks, teórica feminista negra estadunidense, pseudônimo de Gloria Jean Watkins, assina em minúsculas para destacar suas obras mais do que seu nome.

perspectiva lesbiana *queer* e latino-americana.

Reconhecemos que a produção literária, no geral, está inserida numa esfera de disputa (econômica, política e social), produzindo significantes que circulam no imaginário social. E, desta forma, impulsiona a compreensão das maneiras pelas quais esta disputa incide sobre a produção de subjetividades.

Assim, a análise da obra *Deslenguada* elucidou como uma figuração feminista e dissidente é capaz de uma produção de análises que desvelam as normatividades que produzem *assujeitamentos*² e opressões impostas pelo *cisheteropatriarcado branco capitalista*³. Mas também se configura como *resistência*, na medida em que há potência de criação e de fuga desses processos regulatórios.

Iniciamos o segundo capítulo com a apresentação da abordagem metodológica utilizada para compor o processo analítico, que fez uso da Análise do Discurso através da perspectiva foucaultiana. Para tal, percorremos os enunciados da *resistência* e da *dissidência*, aprofundados no terceiro capítulo, para desvelar o conjunto de significantes que fazem de *deslenguadas*, uma *figuração*.

Em seguida, ainda na mesma seção, para abordar as *figurações* (também conhecidas como *ficções políticas*), passamos inicialmente pelos *conhecimentos situados*, por meio de autoras como Adrienne Rich, Patricia Hill Collins e Donna Haraway.

Depois, apresentamos brevemente as figurações do *ciborgue* de Haraway, a do *sujeito nômade* de Rosi Braidotti, bem como a da história de *Dympna*, ilustrando, assim, que também é possível transformar personagens da vida real em mitos, como faz a cultura midiática.

Ao longo do terceiro capítulo, elucidamos através de alguns excertos do

² Aqui nos referimos ao termo *assujeitamento* enquanto produção de subjetividade na perspectiva foucaultiana quando o autor trata dos efeitos da relação do sujeito com o poder. Assim sendo, o sujeito assujeitado pode também se constituir pela sujeição às práticas *docilizantes*, obedientes.

³ O termo *heteropatriarcado* põe acento no regime heterossexual do patriarcado. Segundo Flávia Biroli (2017, p. 185), o patriarcado é um “sistema de dominação de gênero que hierarquiza o masculino e o feminino em desvantagem para as mulheres, organiza largamente as compreensões da política nas tradições de pensamento que a disciplina herda, mas também atualiza”. Logo, o *heteropatriarcado branco capitalista* diz respeito às formas pelas quais a heterossexualidade dá sustentação à dominação de gênero, que, junto ao racismo, se atualiza como forma de exploração capitalista.

A corrente transfeminista inclui a discussão do cissexismo em que fica evidente a exclusão e deslegitimação de pessoas trans na sociedade porque o binarismo de gênero prevalece enquanto norma que sustenta a heterossexualidade. Nesse sentido, abrangemos o termo cis, para realçar a sustentabilidade da heterossexualidade via discriminação tanto de mulheres quanto de pessoas LGBTs.

livro, o que propusemos como *transbordamentos da proletária da linguagem*, tais como: *transbordamento que anseia por conexão*, *transbordamento antirracista*, *transbordamento rebelde*, *transbordamento que situa a exploração da América Latina* e *transbordamento contra o feminicídio*.

Além disso, discorremos sobre os conceitos de *heterossexualidade compulsória*, *dissidência da heteronormatividade* e *resistência aos silenciamentos*. Para então compreender de que maneira a figuração *deslenguada* desestabiliza o regime heteronormativo ao inscrever uma linguagem dissidente, configurando-se como resistência às práticas linguísticas heterossexistas que cultivam o silenciamento da dissidência.

O quarto capítulo está estruturado de maneira a descrever sobre val flores, a autora da obra *Deslenguada*, sugerindo que ela própria também seja referenciada como uma *proletária da linguagem*.

val flores, também conhecida como Valeria Flores, é uma escritora *sapatão*⁴ masculina, cujo campo de ações e interesses estão voltados para a escrita poética e ensaística como modo de intervenção estética e política. É professora entusiasta de pedagogias antinormativas, também teórica e ativista da *dissidência sexual*.

Nascida em 1974, na cidade de Neuquén, Argentina, val flores escreveu diversos textos sobre experiências que viveu nesta cidade. Junto ao coletivo de lesbianas⁵ feministas *Fugitivas del Desierto* e *Trolas del Desierto*, do qual foi integrante, exerceu uma série de intervenções estético-políticas na cidade, denunciando a heteronormatividade e os seus processos de exclusão social das dissidências sexuais.

Foi nessa mesma cidade que val flores trabalhou durante quinze anos como professora de ensino fundamental em escolas públicas. Parte desta experiência está descrita em dois de seus livros: *Notas lesbianas, reflexiones desde la disidencia sexual* (2005), e *Interrupciones, ensayos de poética activista* (2013). Diante dessa postura escritural de onde partem seus textos, dizemos que sua escrita

⁴ Na Argentina, *tortillera* quer dizer *sapatão*; há também outras denominações como *torta*, *marimacho*, *chongo*, *camionera*.

⁵ A escritora e professora brasileira Patricia Lessa utiliza o termo *lesbianas* ao invés de lésbicas, para contrapor ao caráter médico-normativo em que este último termo foi criado. Utilizamos em alguns momentos o termo *lesbiana*, em parte por seguir a mesma proposição, e também para ajudar na variação de outros termos que representam mais a resistência, como *tortillera*, *sapatão*.

é localizada.

É autora de *Lenguaraz* (2012) juntamente com Macky Corbalán⁶, *Bruma coja* (2012) e também compilou, junto a fabi tron⁷, o livro *Chonguitas, masculinidades de niñas*⁸ (2013), entre outros artigos e ensaios publicados em diversas revistas e livros.

val flores esteve presente na criação do arquivo digitalizado do ativismo lésbico da argentina, *Potencia Tortillera*⁹ (2011), iniciativa que mantém permanentemente, a coleção de memórias, incluindo:

[...] produções gráficas e teóricas, registros fotográficos e sonoros, encontros reflexivos e ações diretas nas ruas de grupos e ativistas lesbianas de diferentes momentos históricos, de múltiplas posições políticas, de diferentes geografias da Argentina. (POTENCIA TORTILLERA, 2011)

Atualmente, a escritora atua como agente de programa de formação, investigação e produção do centro de investigações artísticas (CIA, BsAs - Buenos Aires). Em seu blog pessoal¹⁰, ela se autodenomina como “escritora maestra tortillera masculina feminista heterodoxa queer prosexo postfugitiva sudaka antiespecista”. (ESCRITOS HERETICOS, 2009)

Dentre todos esses ativismos e produções, debruçamo-nos especialmente sobre o seu livro *Deslenguada, desbordes de uma proletária del lenguaje*. Ademais, recorreremos a outros de seus textos para relacionarmos com a obra, de modo a nos ajudar a refletir e contextualizar a obra dentro de sua produção.

Por fim, localizamos aqui a autora da dissertação: Lilian Aparecida, trinta e dois anos, *sapatão* “porque le gusta y le da la gana”¹¹, branca, classe média, dissidente, paulistana.

⁶ Macky Corbalán (1963-2014): poeta argentina, foi companheira de longa data de val flores.

⁷ fabi tron é uma artesã, comunicadora, acompanhante terapêutica e ativista lesbiana argentina.

⁸ *Caminhoneirinhas, masculinidades de meninas* (tradução nossa).

⁹ “O arquivo documental digitalizado do ativismo lésbico *Potencia Tortillera* foi apresentado em 2011 da/pela/na mão do desejo ativista/militante/guerrilheiro de cinco ativistas lésbicas/sapatonas argentinas: fabi tron (Córdoba), valeria flores (Neuquén), Gabriela Adelstein (Buenos Aires), Coca Gavrilá (La Plata) e María Luisa Peralta (Buenos Aires), com o intuito de recopilar todas as manifestações políticas-artísticas de lésbicas/sapatonas/caminhoneiras, tanto da agenda contemporânea quanto do passado em nosso país.” Ver: <http://potenciatortillera.blogspot.com>

¹⁰ Ver <http://escritoshereticos.blogspot.com>.

¹¹ “Soy lesbiana porque me gusta y me da la gana” é uma expressão usada na Argentina cuja tradução literal é “Sou sapatão porque eu gosto e me dá vontade”.

No momento vive na capital de São Paulo, considera-se nômade não só por experimentar a vida em cidades diferentes (Guarulhos/SP, Assis/SP e Buenos Aires/AR), mas também por viver na fronteira da sexualidade, tendo vivido a experiência de transição para uma sociedade massivamente tecnomediada, onde passou metade de sua vida *off-line* (sem celulares e internet) e atualmente também no modo *ciborgue*.

Além disso, considera que habitar um país latino-americano que, no presente, está em meio a um processo político decadente, pautado pela extrema direita, requer o exercício frequente da resistência pelo *cuidado de si* e coletivo, bem como pela alegria e o prazer. É também psicóloga e aprendiz de escritora. Feminista, antirracista, amante da dissidência e não-monogâmica.

2 FIGURAÇÕES

Figura 1 - Poema

Fonte: BARROS (1979).

Esse capítulo apresenta, de forma introdutória, no seu primeiro item, os aportes metodológicos que foram utilizados como ferramentas de pesquisa nessa dissertação de mestrado e, no item seguinte, o tema das figurações.

No primeiro item, desenvolvemos descrições e reflexões sobre o processo metodológico, a partir da apresentação das técnicas de pesquisa utilizadas e procedimentos de pesquisa: a análise do discurso, levantamento e análise bibliográfica sobre a obra da autora Val Flores, as produções teóricas feministas e outras referências que compuseram o aporte teórico.

No segundo item, foi abordado o conceito de *figurações*, que dá nome a este capítulo por se tratar de um dos conceitos mais importantes para as análises de discurso dessa pesquisa. Tratando desde as *políticas de localização, conhecimentos situados* propostos por Adrienne Rich, Patricia Hill Collins e Donna Haraway até as figurações criadas pelas feministas contemporâneas, como exemplo, as figurações: *ciborgue, nômade, Dympha e mestiza*.

2.1 Aportes metodológicos

2.1.1 *Descrições e reflexões sobre o processo metodológico*

Esta pesquisa nasceu com a proposta de investigar as obras de artistas feministas, em especial: canções, poemas, textos, e narrativas de suas obras, com o objetivo de realizar uma análise a partir de suas produções artísticas, bem como de suas narrativas, a fim de identificar possíveis estratégias de resistência e a possibilidade de produzir figurações a partir de suas obras. Mais especificamente, procuramos elencar quais são as resistências produzidas em/ou a partir de suas obras e engajamento político, e relacionar articulações entre vida cotidiana, contextos políticos, forças sociais, institucionais e as relações de poder nas obras analisadas. Também buscávamos situar a importância da pesquisa no contexto do *front* cultural como eixo de luta pela erradicação da violência de gênero.

Chegamos a ir a campo quando entramos em contato com grupos feministas na cidade São Paulo que trabalham com temas relacionados às artes de temática feminista. Contudo, conforme aprofundamos a revisão bibliográfica, encontramos outros caminhos e surgiu uma nova abordagem para a pesquisa, na qual vislumbramos seu desenvolvimento a partir de outro objeto: uma obra literária feminista e dissidente que atendia as propostas de análises que buscávamos inicialmente, o que viabilizou ainda mais os caminhos que intentávamos percorrer.

Quando nos debruçamos sobre o conceito de *figurações*, encontramos uma rica produção de algumas teóricas feministas em torno deste conceito, como Rosi Braidotti, Donna Haraway, na Europa e Estados Unidos respectivamente, e Anzaldúa com suas reflexões de sua subjetividade *chicana* a partir da relação do México com os EUA, para citar algumas. Mas o fator predominantemente decisivo para a escolha da obra foi a “(re)descoberta”¹² da autora argentina Val Flores. Em especial, no que ela é potente, ao refletir profundamente sobre as figurações num contexto feminista, dissidente e latino-americano, o que nos toca, já que também nos situamos neste

¹² Entrei em contato com os escritos da autora pela primeira vez em 2011, período em que morei em Buenos Aires. Li o seu texto chamado *Nos pasan cosas* na internet e me tocou profundamente. Fiquei encantada com os seus textos e com a iniciativa do arquivo Potencia Tortillera que ela também participou. Pela primeira vez entendi a potência da escrita localizada. Cheguei a comprar o livro *Deslenguada* que tinha acabado de ser publicado na época, mas ainda não lia bem em espanhol e deixei de lado a leitura. Só em 2017 voltei a ler o mesmo livro, e decidi então que este seria protagonista da minha dissertação, pois além de ser potente, correspondia aos meus anseios de pesquisa.

contexto.

Optamos por uma abordagem metodológica qualitativa, utilizando a Análise do Discurso como aporte teórico-metodológico para discorrer sobre a nossa produção de análises.

A pesquisa qualitativa foi a abordagem mais apropriada para compor as análises desta pesquisa, ao levar em consideração o aprofundamento teórico, a flexibilidade na análise e a aposta política no uso imaginativo de quem produz a pesquisa, coadunando com as propostas da análise do discurso. Além disso, a metodologia com abordagem qualitativa permite outros tipos de pesquisa, inclusive as que não desenvolvem trabalho de campo com pessoas, em objetos recortados nos contextos sociais e culturais.

Segundo Heloisa Helena T. de Souza Martins (2004), as metodologias qualitativas privilegiam as análises de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais. Ao realizar uma análise profunda dos dados coletados, a(o) pesquisadora(o) também é desafiado a se “abrir” para a realidade social da maneira mais completa possível, sendo flexível quanto à coleta de dados e incorporando-as às observações a que ele está realizando. Segundo a autora:

Outra característica importante da metodologia qualitativa consiste na heterodoxia no momento da análise dos dados. A variedade de material obtido qualitativamente exige do pesquisador uma capacidade integrativa e analítica que, por sua vez, depende do desenvolvimento de uma capacidade criadora e intuitiva. (MARTINS, 2004, p.293).

Destarte, relacionamos a produção da obra analisada na dissertação em um contexto de produção de ativismo político das dissidências sexuais. Na citação acima, a autora argumenta sobre o compromisso da pesquisadora em produzir conhecimento calcado em valores, e da importância desta em desenvolver a imaginação, resultante da formação teórica e de exercícios práticos, não cabendo a preocupação com generalizações, mas, sobretudo, o compromisso com a amplitude e a profundidade da elaboração da explicação do estudo.

Essa abordagem se opõe à ideia de um modelo único de pesquisa, bem como contrapõe-se aos ideais positivistas. “A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.” (GERHARDT;

SILVEIRA, 2009, pág. 32).

2.1.2 Técnicas e procedimentos de pesquisa

Os procedimentos correspondem aos da pesquisa bibliográfica, e foi feita a partir de levantamento de referências teóricas de Valéria Flores. O livro objeto de estudo das análises é a sua obra *Deslenguadas: desbordes de una proletaria del lenguaje*. Contudo, utilizamos também suas produções, como artigos científicos, páginas da *web*, zines e entrevistas para tangenciar as análises.

A partir disso, tomamos como horizonte correspondente às técnicas (em termos de ferramentas teórico-metodológicas) as reflexões baseadas em Rosi Braidotti e Donna Haraway acerca dos *conhecimentos situados*. Cabe a pesquisadora estabelecer regras (de formação, a partir dos objetos que aparecem num espaço comum discursivo, dos tipos de enunciação, dos conceitos e estratégias) para essa dispersão, descrevendo os enunciados que compõem uma determinada formação discursiva. (BRANDÃO, 2012)

Considerando que o sujeito constitui sua subjetividade no e pelo discurso, construímos um percurso teórico metodológico que permitisse analisar quais efeitos discursivos são produzidos nos sujeitos da chamada *dissidência sexual*. Entendendo a resistência aos silenciamentos produzidos sócio-historicamente como uma das chaves de enunciação pela qual se evidenciam as bordas que a *proletária da linguagem*, enquanto sujeito dissidente, transpassa em seus transbordamentos.

O campo entendido por Análise do Discurso surgiu a partir de preocupações linguísticas que visavam a transdisciplinaridade. O filósofo francês Michel Pêcheux foi um dos fundadores deste campo. Acerca desta fundação, é possível afirmar que “Ao pautar sua crítica pela iniciativa de traçar um olhar baseado no materialismo histórico sobre a problemática da linguagem, Pêcheux formula a necessidade de perceber o ideológico como elemento constituinte da realidade linguística.” (ROCHA, DEUSDARÁ, 2005, p.319).

Outros teóricos incidiram sobre esse campo de conhecimento, permitindo um cruzamento entre diversas regiões do conhecimento e possibilitando a abordagem das relações entre linguagem, sujeito, discurso e história. (GREGOLIN, 2007). Nesse sentido,

Quatro nomes, fundamentalmente, estão no horizonte da AD derivada de Pêcheux e vão influenciar suas propostas: Althusser com sua releitura das teses marxistas; Foucault com a noção de formação discursiva, da qual derivam vários outros conceitos (interdiscurso; memória discursiva; práticas discursivas; etc.); Lacan e sua leitura das teses de Freud sobre o inconsciente, com a formulação de que ele é estruturado por uma linguagem; Bakhtin e o fundamento dialógico da linguagem, que leva a AD a tratar da heterogeneidade constitutiva do discurso. (GREGOLIN, 2007, p. 14)

Assim, na esteira das proposições feitas por Michel Foucault, refletimos sobre as práticas discursivas como peças importantes para a constituição dos sujeitos.

Detivemo-nos em alguns excertos do livro para que pudéssemos ver na/pela superfície o que ali está, pautando o que foi dito. Os excertos escolhidos foram nomeados de *transbordamentos*, uma tradução de *desbordes*, que aparece como subtítulo do livro que abordamos. Isto se deu porque esses trechos possibilitam a análise de uma prática discursiva da resistência. Sobressaíram-se o que então denominamos como: *transbordamento que anseia por conexão*, *transbordamento antirracista*, *transbordamento rebelde*, *transbordamento que situa a exploração da América Latina* e *transbordamento contra o feminicídio*.

Esse conjunto de enunciados produz o discurso pelo qual analisamos a obra em sua materialidade. Então, ter encontrado os sentidos produzidos pelas marcas que o texto situa é imprescindível, pois estão inscritos na historicidade. Dessa maneira,

Fatos vividos reclamam sentidos e os sujeitos se movem entre o real da língua e o da história, entre o acaso e a necessidade, o jogo e a regra, produzindo gestos de interpretação. De seu lado, o analista encontra, no texto, as pistas dos gestos de interpretação, que se tecem na historicidade. Pelo seu trabalho de análise, pelo dispositivo que constrói, considerando os processos discursivos, ele pode explicitar o modo de constituição dos sujeitos e de produção dos sentidos. (ORLANDI, 2007, p. 68.)

Logo, os transbordamentos foram as pistas necessárias para nossos gestos de interpretação, baseados na ideia dos *conhecimentos situados*.

Como diz ainda Eni Orlandi, acerca do que implica pensar discursivamente a resistência: “[...] um sujeito dividido, o assujeitamento nas formas históricas do capitalismo, a ideologia como um ritual com falhas, o Estado estruturado pela falha e a formação social como algo que se constitui e se mantém continuamente”.

(ORLANDI, 2012, p. 233).

Ousamos afirmar que a resistência de sujeitos historicamente oprimidos produz rupturas nas políticas racistas do capitalismo e do heteropatriarcado, rasgando a mudez.

A inscrição da figuração *deslenguada*, dissidente da heteronormatividade num contexto de resistência, nos ajuda a destacar que há uma pluralidade de vozes.

Se essa polifonia pelo silêncio escapa e por aí resiste, denuncia uma política do silenciamento. Ademais, val flores ressalta que

A práxis de *deslenguada* é extática, fora do ímpeto do olho abrasador do conquistador. A teoria é corporal, suas emoções discordam do romantismo trabalhado pela servidão. O seu desejo epistêmico não é o triunfo nem a revelação nem a descoberta. (FLORES, 2010, p. 57)

Neste íterim, o caminho teórico-metodológico traçado não pretendeu produzir uma verdade sobre a resistência das dissidências sexuais, mas sim realizar análises possíveis do que consideramos resistência. Neste caso, evidenciada no campo linguístico da produção de subjetividades e na denúncia da prática do silenciamento, a partir de diversas coerções políticas e sociais.

2.2 O que são figurações?

*“Imaginação é produção de realidade em andamento”*¹³.

(ASBERG, 2009, p.33)

As figurações também conhecidas como ficções políticas, através de seu uso imaginativo, podem oferecer inspirações e aspirações à produção de realidades. A pergunta inicial que norteou esta pesquisa partiu do seguinte questionamento: de que modo uma figuração oferece resistência aos “[...]regimes de poder que são convergentes de opressão masculinas e heterossexistas”? (BUTLER, 2003, p. 59)

Pensar na formulação dessa pergunta envolveu, no decorrer da pesquisa, investigar também quais são as problemáticas envolvidas no assunto que se convencionou chamar de “assunto de menor importância”, ou até mesmo não

¹³ Tradução nossa de: “Imagination is reality production in progress”.

condizente com a realidade latino-americana em que vivemos: o campo do simbólico, da imaginação, espaço de onde surgem as figurações.

Neste sentido, em *Intervenções críticas: Arte, Cultura, Gênero e Política*, Nelly Richard, chilena, teórica feminista da crítica cultural, afirma que:

[...] os grupos feministas têm reagido de modo diverso à incorporação da teoria como instrumento de formação e de luta intelectual para as mulheres. Os movimentos feministas mais diretamente vinculados ao ativismo social tendem a desconfiar da teoria, a considera-la suspeita de reproduzir as condições de desigualdade opressiva, ligadas à uma “divisão do trabalho” que opõe o pensar ao fazer, a abstração dos livros à concreção da vida material, a especulação mental ao contato físico com a realidade diária, a classe média intelectual ao mundo popular. Muitas feministas ainda acreditam que a intelectualização do discurso leva as mulheres a cair na armadilha falocrática, que vincula o poder-da-razão à razão-como-poder. A teoria seria, para essas feministas, um discurso de autoridade, culpado de repetir a censura mantida durante séculos pelo domínio conceitual do Logos (masculino) sobre a cultura do corpo e do desejo que associa, naturalmente, o feminino ao subjetivo e ao afetivo; ao eu vivencial. (RICHARD, 2002, p.142)

Pois é esse ponto em que as figurações feministas insurgem – em espaços onde supostamente estariam livres da atividade política e que “não há o que se possa fazer” –, que deveríamos desconfiar e explorar. É uma aposta política trabalhar com o campo do imaginário. Ainda que saibamos que há muito no que se debruçar para melhorias em políticas públicas para a saúde, a educação, e para a diminuição da miséria, da pobreza e da violência na América Latina, pensar o campo do imaginário não é se abster dessas questões; é também incidir sobre elas indiretamente. No que se refere especialmente à figuração aqui apresentada, produzir uma figura potente como *Deslenguada*, leva-nos a pensar sobre as maneiras pelas quais a visibilidade das dissidências sexuais tem sido relegada aos estigmas e preconceitos.

Eni Orlandi nos recorda para não menosprezarmos a força que a imagem evoca na constituição do dizer:

O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não ‘brota’ do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa por relações de poder. (ORLANDI, 2009, p. 42).

A figuração da *deslenguada* traz uma série de transbordamentos que

analisamos a partir de excertos do livro, e que só puderam vir à tona a partir da recusa de sua invisibilidade, recusando-se a representações de imagens de passividade e vitimização. Mas antes de nos debruçarmos sobre a *deslenguada*, daremos alguns exemplos de como as feministas contemporâneas têm reunido esforços para a produção de novas imagens para substituir a mítica *mulher*, optando pela multiplicidade constitutiva das diferenças entre as mulheres.

As figurações ou ficções políticas podem ser entendidas como ferramentas teórico-imaginativas e se apresentam como uma ferramenta de luta feminista no âmbito de uma disputa política em que o desvelamento das inúmeras tecnologias – de gênero, biopolíticas, necropolíticas, de terrorismo de estado, de políticas racistas e xenófobas institucionalizadas, do capitalismo etc. – às quais estamos submetidas nos incita a desmascará-las, insubordiná-las e principalmente a desmontá-las.

Para que seja possível compreender as figurações, é preciso, antes de mais nada, nos localizarmos. Ao perguntarmos “onde estamos?”, podemos desenvolver uma genealogia onde é erigida uma consciência sobre o espaço em que estamos e sobre as corporeidades que habitam esses espaços e como são ocupados. Adrienne Rich chamou de *políticas de localização* (1987) e, mais tarde, com as teorias pós-estruturalistas de discurso, Donna Haraway discorreu sobre os “conhecimentos situados” – como “genealogias corporificadas ou responsabilidade encarnada”. (BRAIDOTTI, 2002, pág. 9).

Em *Notas sobre a política da localização*, Adrienne Rich, apontando para uma era em que prevalecem os interesses multinacionais nos estados-nação, diz: “Preciso compreender como um lugar no mapa é também um lugar na história em que como uma mulher, uma judia, uma lésbica, uma feminista eu sou criada e tento criar.” (RICH, 1984, p.212).

Ela segue argumentando que a geografia mais próxima é o corpo. Que existe uma série de políticas que são feitas para a mulher: as políticas da gravidez, da maternidade, do orgasmo, do estupro e do incesto, do aborto, do controle de natalidade, da esterilização forçada, da prostituição e do sexo marital, da liberação sexual, da heterossexualidade prescritiva, da existência lésbica. Em seguida, ela ressalta a necessidade que muitas mulheres têm de reivindicar a sua autoridade de fala como mulheres, começando pelos seus corpos.

Lembra-nos também que a sua natureza branca precisa ser localizada para tomar responsabilidade. Dessa forma, ela atenta para a experiência que quando

considera somente a branca (porque o sujeito branco se coloca como sujeito universal), está enraizada em alguma tradição ocidental, que marginaliza outros.

Em seu texto *Black feminist thought in the matrix domination* (1990), Patricia Hill Collins cita duas contribuições significativas do pensamento feminista negro ao reconceitualizar raça, classe e gênero como sistemas de opressão interligados como uma epistemologia própria do feminismo negro; bem como desvelando caminhos de acesso à “verdade”, incidindo também na sociologia do conhecimento.

A autora situa as mulheres negras afro-americanas como agentes de conhecimento, não só como sujeitas que vivem essas opressões simultaneamente, mas como criadoras de uma visão humanista de comunidade que fazem emergir novas possibilidades de conhecimento feminista afrocentrado: “Tradicionalmente, essas mulheres eram cantoras de blues, poetisas, autobiógrafas, contadoras de histórias e oradoras, validadas por mulheres negras comuns como especialistas do ponto de vista das mulheres negras.”¹⁴ (COLLINS, 1990, p. 559).

Compreender a produção específica desse conhecimento como *conhecimento situado*, requer contextualizar a experiência caracterizada pela resistência. “Porque as ideias das mulheres negras têm sido suprimidas, essa supressão tem estimulado mulheres afro-americanas a criar conhecimento que empodera as pessoas a resistir à dominação.”¹⁵ (COLLINS, 1990, p. 562).

Logo, ao negar o conhecimento especializado dominante, o conhecimento situado é encarado também como subjugado, embora não tenha pretensão de alcançar uma verdade universal como pressupõe a ciência ocidental.

Como posturas epistemológicas, tanto a ciência positivista quanto o relativismo minimizam a importância da localização específica em influenciar as afirmações de conhecimento de um grupo, as desigualdades de poder entre grupos que produzem conhecimentos subjugados e as forças e limitações da perspectiva parcial.¹⁶ (COLLINS, 1990, p. 563)

¹⁴ Tradução nossa de: “Traditionally such women were blues singers, poets, autobiographers, storytellers, and orators validates by everyday Black women as experts on a Black women’s standpoint.”

¹⁵ Tradução nossa de: “Because Black women’s ideas have been suppressed, this suppression has stimulated African-American women to create knowledge that empowers people to resist domination.”

¹⁶ Tradução nossa de: “As epistemological stances, both positivist science and relativism minimize the importance of specific location in influencing a group’s knowledge claims, the power inequities among groups that produces subjugated knowledges, and the strengths and limitations of partial perspective.”

Como aponta Djamila Ribeiro: “Os saberes produzidos pelos indivíduos de grupos historicamente discriminados, para além de serem contra discursos importantes, são lugares de potência e configuração do mundo por outros olhares e geografias” (2017, p. 75). Desse modo, as narrativas próprias corporificam os saberes ao localizá-los, dando visibilidade aos sujeitos que produzem conhecimento, sendo permitido visualizar suas epistemologias.

Ao endossar a importância da multiplicidade de conhecimentos situados, Donna Haraway diz que não é a pretensão de teorizar sobre o mundo e agir sobre ele em termos de Sistemas Globais, mas a necessidade de rede de conexões para a Terra, “[...] incluída a capacidade parcial de traduzir conhecimentos entre comunidades muito diferentes - e diferenciadas em termos de poder”. (1995, p.16)

Ao denunciar o androcentrismo arraigado na produção da ciência majoritariamente feita por homens, a crítica feminista da ciência evidencia o falogocentrismo e preocupa-se em construir “modelos de ciência politicamente implicados” (OLIVEIRA; AMANCIO, 2006), na contramão da pretensa – e falaciosa – neutralidade da ciência positiva. Os conhecimentos situados correspondem ao caráter privilegiado de oferecer uma perspectiva parcial, quando se responsabilizam pela produção de saberes, saberes de antemão corporificados.

Dessa feita, as figurações surgem dentro dessa perspectiva da ciência feminista, ao propor a criação de mitos políticos, contados em narrativas criativas que produzem consciência – de si e de grupos marginalizados – a partir de uma multiplicidade de vozes e sujeitos que são sócio-historicamente silenciados ou excluídos da produção de saberes.

A consciência é um atributo cuja importância vislumbra a possibilidade de transformação da realidade; parte, portanto, do pensamento à ação. Nesse sentido, as figurações, carregadas de linguagem poética, trazem consciência sobre as diversas posições de opressão e dominação em que os sujeitos se encontram, sendo possível visualizar diversas perspectivas de gênero, raça, classe, etnia, orientação sexual, condição de (i)migrante etc.

Os vários corpos biológicos em competição emergem na interseção da pesquisa e dos textos biológicos, das práticas médicas e outras práticas de negócios, e da tecnologia [...]. Mas os afins das alegres linguagens que ativamente se entrelaçam na produção de valor literário [...] também são convidados deste nóculo de interseção. (HARAWAY, 1995, p. 41)

A ficção científica e a medicina moderna estão cheias de *ciborgues*, criaturas, simultaneamente, animal e máquina. Haraway se esforça para construir um mito político carregado de ironia: a figuração do *ciborgue*, junção de *cybernetic organism*:

No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos-teóricos e fabricados - de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia; ele determina nossa política. O ciborgue é uma imagem tanto condensada da nossa imaginação quanto da realidade material: esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica. Nas tradições da ciência e da política ocidentais (a tradição do capitalismo racista, dominado pelos homens; a tradição do progresso; a tradição da apropriação da natureza como matéria para a produção da cultura; a tradição da reprodução do eu a partir dos reflexos do outro), a relação entre organismo e máquina tem sido uma guerra de fronteiras. As coisas que estão em jogo nessa guerra de fronteiras são os territórios da produção, da reprodução e da imaginação. Este ensaio é um argumento em favor do prazer da confusão de fronteiras, bem como em favor da responsabilidade em sua construção. É também um esforço de contribuição para a teoria e para a cultura socialista-feminista, de uma forma pós-modernista, não naturalista, na tradição utópica de se imaginar um mundo sem gênero, que será talvez um mundo sem gênese, mas talvez, um mundo sem fim. A encarnação ciborguiana está fora da história da salvação. Ela tampouco obedece a um calendário edípico, no qual as terríveis clivagens de gênero seriam curadas por meio de uma utopia simbiótica oral ou de um apocalipse pós-edípico. (HARAWAY, 2009, p. 37-38)

De certo modo, a replicação *ciborgue* alude a uma forma contra-heterossexista ao desvincular-se da reprodução orgânica (HARAWAY, 2009), posicionando-se também contra os dualismos ocidentais tais como corpo-mente, animal-máquina, natureza-cultura, macho-fêmea, ironizando sobre a artificialidade dessas construções, desvelando as tecnologias científicas, culturais e sociais que produzem os corpos e as relações.

Fonte: Randolph (1994)

Como o *ciborgue* alude à uma consciência sobre a era da *informática da dominação*, termo que Haraway propõe para pensar os avanços do atual cisheteropatriarcado capitalista branco, e como ele também vem atualizando suas tecnologias de opressão, a consciência *ciborgue* surge como ferramenta de possibilidade de libertação ao vislumbrar “[...] alternativas às tradicionais concepções de corpos e modos de vida a partir da apreensão da tecnologia no cotidiano” (FONTGALAND; CORTEZ, 2015). “Essa figura é utilizada como um ‘ato de resistência, um movimento de oposição’ ao circuito integrado construído pela tecnociência.” (RAMOS, 2017, p. 98). Haraway (2009, p. 45) também alerta que “a necessidade de uma unidade entre as pessoas que estão tentando resistir à intensificação mundial da dominação nunca foi tão urgente”, trazendo uma perspectiva de “luta por outros significados, bem como outras formas de poder e prazer em sociedades tecnologicamente mediadas”.

Para Rosi Braidotti (2002), as figurações podem ser mais efetivas do que sistemas teóricos, expressando o desejo por mudanças, transformação. São ferramentas críticas e afirmativas ao mesmo tempo, oferecendo relações alternativas com os poderes que cada sujeito habita, de acordo com sua identidade de gênero, étnica, racial etc. A autora conceituou a bastante conhecida figuração do *sujeito nômade*, mas também apresentou a figuração de *Dympna*, cuja história também

serviu de inspiração para uma personagem de conto de fadas.

A autora utiliza a metodologia dos *conhecimentos situados* para criar a figuração do *sujeito nômade*, em que ela é consciente de sua nacionalidade europeia e apela para a desconstrução do sujeito branco europeu, falando, ao mesmo tempo, da imbricação das questões coloniais e *decoloniais* que o debate suscita. O *sujeito nômade* recusaria qualquer ideia de uma identidade fixa; sua consciência é periférica e contracorrente. Afinal, “É a subversão do conjunto de convenções que define o estado nômade, não o ato literal de viajar”. (BRAIDOTTI, 2002, p.11)

Braidotti (2009) guardou durante muitos anos uma estatueta de Dympna, uma personagem da vida real do século VII do ano 650, que se tornou uma lenda, à qual ela se refere como muito especial. Ela ganhou a estatueta de presente durante uma viagem à Antuérpia e, quando a obteve, poucas pessoas conheciam sua história. Porém, ela ficou mais conhecida por uma versão diferente de sua história, recriada como conto de fadas por Charles Perrault, sob o título de *Pele de Asno*, um dos onze contos de sua obra intitulada *Contos da mãe Gansa*, de 1697.

Dympna, ou Dynphna, era filha de um chefe pagão irlandês e de uma linda cristã devotada que morreu quando Dympna ainda era muito jovem. Seu pai procurou o mundo por uma substituta adequada para ser sua adorável esposa, mas não conseguiu encontrar uma. Como sua filha cresceu uma jovem encantadora, sua notável semelhança com sua mãe morta despertou uma paixão incestuosa em seu pai. Dympna resistiu aos seus avanços e fugiu com seu confessor, São Gerebenus, em um navio rumo a Antuérpia. Eles se estabeleceram nas florestas da atual Gheel, no que era então um pequeno oratório dedicado a São Martinho, onde viviam como eremitas e ascetas. No entanto, o pai de Dympna a perseguiu até a Bélgica, encontrou ela e seus companheiros e matou todos eles. (BRAIDOTTI, 2009, p.242)

Esses eventos atingiram a imaginação popular e Dympna foi santificada. Muitas pessoas, principalmente as mulheres, a tomaram como sua protetora em decorrência da declarada alusão a violência masculina simbolizada pelo seu assassinato e a relação incestuosa de seu pai:

Lunáticos e epiléticos relataram ter sido curados em seu túmulo e a multidão de peregrinos era tal que, no século XIII, um santuário foi erguido em sua memória. Seu corpo foi, e ainda é, preservado em um relicário de prata na igreja. Desde então, ela tem sido considerada a patrona dos doentes mentais e daqueles - principalmente mulheres - que são levados à loucura pela violência masculina, estupro e violação. De acordo com o registro oficial de santos da Igreja Católica,

Dympna é a patronesse de muitas outras causas também: vítimas de incesto; órfãos; vítimas de estupro; sonâmbulos; epiléticos; e os doentes mentais, bem como os profissionais de saúde mental. Ela protege os fracos e os loucos com sua coragem poderosa e enorme sabedoria, respectivamente simbolizada por sua espada e o livro. (BRAIDOTTI, 2009, p. 243)

Dessa maneira, Rosi Braidotti nos convida a refletir sobre quais perspectivas críticas as questões de gênero são suscitadas, ao encarmos a estória dessa personagem. Segundo ela, *Dympna* “não é apenas uma metáfora das condições de opressão em que vivem as mulheres, mas uma personagem da vida real que se tornou um mito, uma lenda. Tais personagens tem uma importante função nas teorias políticas e culturais”¹⁷ (BRAIDOTTI, 2009, p.243).

A partir disso, a autora descreve a figuração de *Dympna* como múltipla e polissêmica, e cuja complexidade ela aborda de maneira bastante criativa através de cartografias que ela elenca, tais como: a rebeldia de *Dympna*, considerando sua desobediência uma virtude; a culpabilização da vítima, pressuposta a partir da culpa intrínseca sobre a sexualidade feminina; “[...] é também uma estrangeira, refugiada, uma exilada política que não pode retornar à sua terra, vítima da hostilidade da autoridade estatal e patriarcal” (BRAIDOTTI, 2009, p.246). E ainda:

[...] foi oficialmente registrada pela igreja cristã e está listada como encarregada de vítimas de incesto, perda de pais, vítimas de estupro, sonâmbulos, pessoas com epilepsia, transtornos mentais e trabalhadores da saúde mental. (BRAIDOTTI, 2009, p. 247).

Contudo, a autora ressalta a importância de levar em conta as atuais políticas globais concernentes ao projeto de emancipação de mulheres e homossexuais, “além dos riscos de cumplicidade com racismo e xenofobia que se correm ao pensar o secularismo de maneira irrefletida”. (BRAIDOTTI, 2009, p. 247)

Dympna é um mito, um personagem do folclore popular e do conto de fadas. Nesse sentido, a autora destaca as práticas da produção acadêmica feminista sobre as críticas da representação, que, por um lado, são uma ferramenta de análise crítica e, por outro, contam com forças produtivas e criativas:

Um exemplo do valor afirmativo das imagens e da representação é o papel desempenhado pela criação de mitos, a imaginação criativa e

¹⁷ Tradução nossa.

as configurações alternativas nos movimentos políticos e sociais. Contra-culturas criam novos mitos quase por necessidade: Che Guevara é um exemplo moderno, assim como ícones culturais como Marilyn Monroe. O segundo ponto está relacionado à atual revolução digital: a cultura midiática tende a mistificar tudo o que toca e, assim, engendra uma proliferação de imagens, a representação visual é a chave do poder contemporâneo. Toda representação visual penetrante em um mundo tecnologicamente vinculado faz mitos de figuras totalmente sem sentido, como Paris Hilton, as pessoas completamente comuns dos reality shows da televisão, como o Big Brother, ou os personagens de séries de TV como Sex and the City e Desperate Housewives. Como a cultura da mídia é um mecanismo de criação de mitos, ela compartilha com as disciplinas clássicas as ferramentas da análise da representação em termos textuais e literários. (BRAIDOTTI, 2009, p. 248)

Segundo Braidotti (2009), *Dympna* produz e gera conhecimento em outros que aprendem sobre sua história de vida, pois, ao se identificarem com sua história, a amam por sua coragem e convicção. Em termos religiosos, ela é uma alta sacerdotisa, muito embora a igreja católica ainda hoje não permita o ordenamento de mulheres e homossexuais. *Dympna* terminou virando um logotipo para o *Método Gheel* de tratamento e cuidados de pessoas com transtornos mentais, especialmente mulheres que enlouqueceram por conta da violência masculina.

Ao enunciar elementos dessa guerreira arquetípica e com uma profunda análise crítica, Braidotti realiza uma epistemologia feminista, revelando uma história afirmativa e de empoderamento. Ela reiteradamente afirma sua ética em seus escritos:

A busca pelo empoderamento afirmativo requer a transcendência do negativo, ou seja, a rejeição da violência vingativa e a interrupção da cadeia de repetição de experiências e emoções negativas. Este é o eixo transformador do projeto de conhecimento fundamentado, de suas políticas e suas paixões éticas. Embora esteja fundamentada na posição histórica das mulheres, lunáticos, marginais, nativos, refugiados, imigrantes e outros excluídos, ela tem um apelo e um alcance muito mais amplos. Argumentei que a transformação do negativo em alternativas de afirmação da vida, que não apenas fortalecem o marginal, mas também modificam as estruturas da ordem social, é a chave para a política dos Direitos Humanos no terceiro milênio. Como tal, é fundamental para a criação de futuros sustentáveis. (Braidotti, 2006, p. 258)

As teóricas feministas contribuem significativamente ao produzirem ficções políticas, ressignificando a alteridade e apontando para a produção de novos sujeitos e reconstruções de significados para os que vivem nas margens, nas bordas da

sociedade.

Falando em bordas, em seu livro *Bordelands/La Frontera: The New Mestiza*, Glória Anzaldúa produz uma figuração que “[...] desenvolve a noção de ‘consciência mestiça’ articulando-a ao conceito de frontera” (TORRES, 2005, p.721) que remete à sua experiência de *chicana* nascida no Texas, vivendo constantemente a dualidade cultural, *tricultural*, que perpassa essa condição. Porém, em *Borderlands*, ela “[...] também alude a outras fronteiras, metafóricas: de raça, classe, gênero, orientação sexual; e às fronteiras rígidas construídas pelo pensamento binário do Ocidente” (TORRES, 2005, p.721):

Porque eu, uma *mestiza*,
continuamente saio de uma cultura
para outra,
porque eu estou em todas as culturas ao mesmo tempo,
alma entre dos mundos, tres, cuatro,
me zumba la cabeza con lo contradictorio.
Estoy norteada por todas las voces que me hablan
simultáneamente.
(ANZALDÚA, 2005, p.704)

A *mestiza* é construída a partir da própria trajetória de vida de Anzaldúa, e com profunda densidade teórica. “A ambivalência proveniente do choque de vozes resulta em estados mentais e emocionais de perplexidade. [...] A personalidade dupla ou múltipla da mestiza é assolada por uma inquietude psíquica”. (ANZALDÚA, 2005, p.705). Uma saída que Anzaldúa encontrou foi a de produzir uma consciência crítica, impulsionada por movimentos de rebeldia, a qual fazia com que ela pudesse falar. Em *Uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*, Anzaldúa diz: “No escrever, coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo.”¹⁸ (2000, p.232). Como a própria Anzaldúa (2004) diz, ela era muito *hocicona*¹⁹, não sendo nem boa nem obediente, era crítica, desde as projeções que sua família fazia sobre ela, sobre como ela devia ser e agir. Dizia ter raiva quando alguém – fosse sua mãe, a Igreja, ou a cultura dos anglos – lhe dizia o que fazer, sem considerar os desejos dela.

Apontava também uma denúncia de aspectos de sua cultura que traem o seu próprio povo mexicano, ao menosprezar a(o) indígena em si mesma(o), e ao constatar que, durante 300 anos, seu povo tem sido escravo, mão de obra barata,

¹⁸ Tradução nossa de: “Al escribir, pongo el mundo en orden, le doy una agarradera para apoderarme de él.”

¹⁹ Hocicona: que fala muito, bocuda.

colonizado pelos espanhóis, pelos anglos, por ele próprio: “Não fui eu quem vendeu meu povo, foram eles que me venderam.”²⁰ (ANZALDÚA, 2004, p.79)

Esse movimento de externalizar sua consciência transcende o individual, e materializa-se em seus escritos – histórias de rupturas e a história de seu povo –, para trazer à tona esperanças documentadas de uma consciência coletiva, “[...] formando novos mitos, implodindo binarismos e aguentando a ambiguidade de compartilhar formas estrangeiras de ver e de pensar”. (ARAUJO, OLIVEIRA, 2018, p.177). Glória documenta sua luta:

O trabalho da consciência *mestiza* é o de desmontar a dualidade sujeito objeto que a mantém prisioneira, e o de mostrar na carne e através de imagens no seu trabalho como a dualidade pode ser transcendida. A resposta para o problema entre a raça branca e a de cor, entre homens e mulheres, reside na cicatrização da divisão que se origina nos próprios fundamentos de nossas vidas, nossa cultura, nossas línguas, nossos pensamentos. Extirpar de forma massiva qualquer pensamento dualista no indivíduo e na consciência coletiva representa o início de uma longa luta, que poderá, com a melhor das esperanças, trazer o fim do estupro, da violência, da guerra. (Anzaldúa, 2005)

A partir das reflexões de Rosaura Sanchez (1994), Torres (2005) sinaliza um ponto importante de ser assinalado: “Esse modelo de mestiçagem não leva em conta que, para grande parte da população indígena do México, mestiçagem equivale a compactuar com a ideologia de diluição racial do Estado-nação.” (p. 727). Contudo, “[...] se devidamente historicizada e dialética, pode, sem dúvida, desempenhar um papel contra-hegemônico em um país cujos discursos sobre raça e origem têm sido instrumentais na opressão e exploração de chicanos e chicanas”. (p. 728)

Para Costa - Ávila (2005), Anzaldúa trouxe para o centro do debate feminista, intervenções das mulheres feministas de cor, lésbicas, judias e mulheres do Terceiro Mundo, entre outras, até então às margens do cânone do feminismo branco, anglófono, heterossexual, protestante e de classe média; o que evidenciou que gênero não era a única categoria fazendo a diferença²¹, sendo múltiplas as

²⁰ Tradução nossa de “No fui yo quien vendió a mi gente sino ellos a mí.”

²¹ “O desafio a uma análise ancorada somente na diferença de gênero dentro do feminismo norte-americano surgiu a partir das intervenções das feministas não-brancas, particularmente as feministas negras. Argumentando que a opressão das mulheres não poderia ser entendida unicamente pelo viés da diferença de gênero, feministas negras, judias, lésbicas, operárias, do “Terceiro Mundo” e chicanas, entre outras (ou uma mistura de todas essas categorias) demandaram atenção para as diferenças múltiplas entre as mulheres, abrindo, portanto, o espaço para o que mais tarde veio a ser denominado abordagem interseccional, a qual expandiu o conceito de gênero e passou a formulá-lo como parte do

opressões que acarretam as mulheres. Além disso, elas apontam a importância da consciência mestiça para a discussão da transculturação e da hibridização.

conjunto heterogêneo das relações móveis, variáveis e transformadoras do campo social. Os escritos de Anzaldúa são precursores dessa visão interseccional dentro do feminismo contemporâneo". (COSTA; ÁVILA, 2005, p. 692-693).

3 DESLENGUADA: UMA FIGURAÇÃO DA DISSIDÊNCIA

Figura 3 – Poema

Fonte: Barros (1979).

Dentre todos os ativismos e produções escriturais de val flores, esta pesquisa buscou se debruçar especialmente sobre o seu livro *Deslenguada, desbordes de una proletária del lenguaje*, literalmente em português: *Deslinguada, transbordamentos de uma proletária da linguagem*.

Neste segundo capítulo, abordamos a ideia de *figuração da dissidência* na leitura da obra *Deslenguada*.

No primeiro item, definimos o que compreendemos por *deslenguada*, a partir da obra de val flores. O segundo item aborda a compreensão sobre o que é a *heterossexualidade compulsória*, segundo Adrienne Rich. Em seguida, o último item que finaliza o capítulo trata da *dissidência da heteronormatividade*, ou seja, a experiência dos sujeitos que escaparam da heterossexualidade como prática sexual normativa.

3.1 O que é *deslenguada*?

Vamos começar pela palavra *deslenguada*, o título que também dá nome a figuração que analisamos.

A partir da etimologia da palavra, podemos pensar em uma “des-língua”, em que “des” é um prefixo de origem latina que significa tirar, separar. Logo, “separar-se” da língua. Mas de que língua? Tirar a língua? A língua do corpo ou a língua da linguagem?

A autora “desloca” a língua de uma área para outra do corpo, ela diz que “[...] a língua é o órgão genital da escrita proletária” (FLORES, 2010, p. 28). Consideramos que este movimento metafórico de deslocamento que a autora faz, provoca e subverte, ao mesmo tempo, a ideia do proletariado, pois a língua – e não a prole – é o seu “meio de (re)produção”.

Nesse sentido, *deslenguar* ou “deslinguar”, em sua relação com a *proletária da linguagem*, tem a ver com produção de linguagem, deixar para trás a língua que nos foi ensinada, tratar de usar outra. Esse gesto implica em uma ação. Ao propor a *deslenguada*, há uma recusa explícita da linguagem compulsória, da língua hegemônica heteronormativa e, simultaneamente, em defesa da invenção e da criação de outras formas de linguagem.

Ao imaginarmos uma *deslenguada*, isso pode remeter, à primeira vista, à abjeção de um sujeito sem língua, considerado defeituoso pelas lentes de natureza normativa e, por isso, uma figura monstruosa. Esta concepção de *figuração monstro* ou *monstra*, estende-se a sujeitos discriminados pela sua identidade, gênero, raça, orientação sexual, etnia etc.

Como diz Isabel Balza, em seu artigo intitulado *Tras los monstruos de la biopolítica*:

O que eu quero colocar aqui é a consideração de que, a categoria de monstro, é uma noção própria da biopolítica, posto que intervém tanto nas versões negativas da biopolítica, quanto nas versões afirmativas. Por um lado, o monstro representaria o sujeito desumano produzido pelos mecanismos de exclusão, exemplo extremo do qual seriam os reclusos nos campos da morte nazis ou os detidos nas base de Guantánamo, más também podem ser considerados assim os imigrantes sem documentos, os doentes que não conseguem acessar à assistência médica, ou todo sujeito discriminado por razões de sexo, etnia ou incapacidade. Nesse caso causa horror e humilhação. Nas versões afirmativas da biopolítica, da forma que são as propostas de

Donna Haraway ou de Rosi Braidotti, o monstro aparece como figura que representa o novo sujeito que se busca em uma política da vida que o reconcilia com sua própria norma. E neste caso é sujeito e objeto de prazer ou divertimento. Essa duplicidade de sentido na noção de monstro é possível porque as diferentes representações do monstruoso são ligadas ao modo em que a política tem sido ligada à vida ou, dito de outra forma, as interpretações que, do plano da ciência e a política tem sido feitas da vida, determinam o que tem sido compreendido por “monstruoso”. (BALZA, 2013, p. 29-30)²²

Mas, se por outro lado, encaramos uma *figuração monstra* como a *deslenguada* em seu modo afirmativo, vemos a produção e o anseio de novas formas de conciliar a vida de sujeitos subalternizados com a política, como é a relação da produção de novas linguagens e, por conseguinte, de outras constituições subjetivas.

Já no âmbito em que os discursos e práticas discriminatórias e machistas prevalecem e incidem sobre as mulheres²³ e outros sujeitos subalternizados, estas são chamadas de “desbocadas” ou “deslinguadas”. Geralmente, se referem a elas deste modo pejorativo porque não performam de forma padrão seus modos de falar e usar a linguagem. Ou seja, espera-se uma passividade, uma certa amabilidade e, sobretudo, uma inexpressividade de suas ideias e pensamentos. Qualquer discordância que uma mulher tenha, pode ser vista como petulância e pode ser chamada de “desbocada”.

valeria flores quando apresenta a *deslenguada*, produz linguagem poética com perspectivas disruptivas de *mulher*, bem como enseja noções de sujeito, como é a lésbica, a(o) trans, a *queer*.

No que concerne aos transbordamentos, cabe a pergunta: Por que

²² Tradução nossa de “Lo que quiero plantear aquí es la consideración de que la categoría de monstruo es una noción propia de la biopolítica, ya que interviene tanto en las versiones negativas de la biopolítica, como en sus versiones afirmativas. Por una parte, el monstruo representaría al sujeto deshumanizado producido por los mecanismos de exclusión, ejemplo extremo de lo cual serían los reclusos en los campos de la muerte nazis o los detenidos en la base de Guantánamo, pero también pueden ser así considerados los inmigrantes indocumentados, los enfermos que no pueden acceder a la asistencia médica, o todo aquel sujeto discriminado por razones de sexo, etnia o discapacidad. En este caso produce horror y abyección. En las versiones afirmativas de la biopolítica, como son las propuestas de Donna Haraway o de Rosi Braidotti, el monstruo aparece como figura que representa al nuevo sujeto que se busca en una política de la vida que reconcilia a ésta con su norma. Y en este caso es sujeto y objeto de placer o divertimento. Esta duplicidad de sentido en la noción de monstruo es posible porque las distintas representaciones de lo monstruoso están vinculadas al modo en que la política se ha ligado a la vida o, dicho de otra manera, las interpretaciones que desde la ciencia y la política se han hecho de la vida determinan qué se ha entendido por monstruoso.”

²³ “Segundo dados da OMS, nossa taxa de 4,8 homicídios por 100 mil mulheres, em 2013, nos coloca na 5ª posição internacional, entre 83 países do mundo. Só estamos melhor que El Salvador, Colômbia, Guatemala e a Federação Russa, que ostentam taxas superiores às nossas”. (Mapa da Violência, 2015).

transborda? Transborda em uma linguagem fluida e poética, onde já esteve suprimida pelos silenciamentos esmagadoramente e constantemente provocados, porque é contra o apagamento e silenciamento, que a proletária da linguagem trabalha as palavras em seu livro-ensaio, produzindo uma poética que visa incidir e combater na/por e através da linguagem.

Como já ressaltamos, ela fala da criação de outra língua e propõe uma invenção de outros modos de falar, de uma ruptura com a língua mandatária para a produção de outra língua. Não só de um rompimento, mas de *transbordamentos*, como diz a tradução do subtítulo do livro: *Transbordamentos de uma proletária da linguagem*.

A seguir, enunciaremos algumas formas pelas quais vislumbramos a figuração da *proletária da linguagem*. Foram selecionados alguns excertos extraídos do ensaio em que sobressaem referências para a análise crítica do texto.

3.1.1 *Transbordamento que anseia por conexão: a proletária da linguagem é auto-organizada*

A autora traz pistas de como trabalha a proletária da linguagem: ela é auto-organizada, pois conversa com outras mulheres que resistem em falar a língua dominante. Assim, o faz não somente citando poemas de outras autoras que ela admira na mesma obra.

Na medida em que Flores escreve sobre a importância de “[...] ler e ser lida pelas irmãs de língua estaqueada” (2010, p. 24), demonstra uma expressão intersubjetiva e apoio mútuo entre elas. A autora afirma que:

Deslenguada não é minha identidade, é uma forma mutável de viver o mundo contra etiquetas e frases cimentadas. Tão opaca, tão porca e serena. Um lugar de trânsito indispensável. É uma malcriada das partidárias plebéias. Desiste de falar e escrever como se deve. Desiste de pensar como se deve. Seu ato de vida é uma passagem imaginária, eu-ela, empenhado com afã em se erguer contra a fadiga do ar que se arrebatou o canto dos grilhões. Ler e ser lida para/pelas irmãs de língua estaqueada, nas que a dor enerva todo seu ser. (FLORES, 2010, p.24).

A própria obra *Deslenguada* está repleta de citações em que há um diálogo constante com outras (os) autoras (es). Para cada um dos vinte e dois textos que compõem o livro, há uma citação de poetisas, escritoras e escritores tais como: Clarice

Lispector, Monique Wittig, Sande Zeig, Adrienne Rich, Beatriz (Paul) Preciado, Violette Leduc, Donna Haraway, Minnie Bruce Pratt, Audre Lorde, Samuel R. Delany, Jeannette Winterson, Rosario Castellanos, Alejandra Pizarnik, Glória Anzaldúa, Macky Corbalán, Úrsula K. Le Guin, Néstor Perlongher, Marosa di Giorgio, Virginia Woolf e Jaques Derrida.

Ao responder a uma entrevista para o zine *Desmontar la lengua del mandato, crear la lengua del desacato*²⁴, a autora diz estabelecer “[...] conversações silenciosas – e licenciosas - com os modos escriturais da teórica chilena Nelly Richard, sua desafiante articulação de linguagens e itinerários de fronteiras para construir uma poética da crítica”. (FLORES, 2015, p.13). Abaixo está uma ilustração extraída do zine:

Figura 3 - Ilustração do zine *Desmontar la lengua del mandato, crear la lengua del desacato*

Fonte: Gustanov (2014).

²⁴ Disponível em: <https://disidenciassexualcuds.wordpress.com/2015/06/05/descarga-el-fanzine-desmontar-la-lengua-del-mandato-criar-la-lengua-del-desacato-de-valeria-flores-neuquen-argentina-con-activistas-chilenxs/>

Para Nelly Richard (2002, p.133), a literatura que leva em consideração as dissidências identitárias, “[...] assim como qualquer escrita que se faça cúmplice da ritmicidade transgressora do feminino-pulsátil, levaria o coeficiente minoritário e subversivo (contradominante) do ‘feminino’”, tal qual essas(es) autoras(es) citadas(os) parecem posicionar o feminino em suas escrituras. Para Val Flores (2005), as citações têm o intuito de inscrever seu trabalho em um movimento político coletivo e que outras vozes ressoem em seus textos.

3.1.2 *Transbordamento antirracista*

A *deslenguada* se posiciona contra os *higienismos*, no tocante à linguagem. Em relação a essa reflexão, ela diz ser “Contra todo higienismo da linguagem, a proletária se contamina dos ares mais turbulentos da imaginação”²⁵ (FLORES, 2010, p. 69).

Com a corrente higienista proposta no final do século XIX e início do século XX, passaram a circular ideais de preocupação com a saúde da população, coletiva e individual com o intuito de educar moralmente os cidadãos.

As propostas de novos hábitos de higiene e limpeza nada tinham de inocentes, pois valorizavam a população como capital e serviram, em momento oportuno, para suportar ideias racistas junto à perspectiva de superioridade branca eugenista.

Como explica Jurandir Freire Costa (1976), na década de 30, a psiquiatria passou a penetrar no domínio cultural de modo a intervir nas escolas, no meio profissional e social. Neste contexto, os psiquiatras passaram a se denominar cada vez mais higienistas, apoiados na noção de eugenia.

No artigo *Projetos de modernidade: autoritarismo, eugenia e racismo no Brasil do século XX*, é discutido o percurso histórico-social das influências da eugenia na América do Sul. Neste, afirma-se que

A eugenia chegou à América do Sul por intermédio dos livros e dos artigos produzidos em numerosa quantidade nos Estados Unidos e na Europa. Por aqui, encontrou solo fértil. Casou-se muito bem com um conjunto variado de ideias. Algumas delas existiam, pelo menos desde a metade do século XIX, e tentavam explicar a experiência histórica em torno das populações escravas. Outras, espetacularmente

²⁵ “Contra todo higienismo del lenguaje, la proletária se contamina de los aires más turbulentos de la imaginación.” (tradução nossa)

desenvolvidas após 1870, almejavam construir um mundo moderno e científico, colocando os países nos trilhos do progresso. Certamente, um dos motivos mais importantes para o desenvolvimento do eugenismo nas três primeiras décadas do século XX estava na preocupação com o controle da população de ex-escravos que estavam em processo de proletarianização. (SANTANA; SANTOS, 2016, p. 32)

No contexto da reflexão sobre o papel das subalternidades insurgentes na linguagem, os higienismos aos quais nos referimos, são ações sociais coercitivas que impedem a emergência de vozes que são marginalizadas quando não se encaixam nas normas e padrões esperados do uso da linguagem.

Em se tratando de uma abordagem crítica e contrária ao higienismo, ressaltamos a relevância do “pretuguês”, expressão cunhada por Lélia Gonzalez.

Antonia Ceva (2013), em *Intelectuais negras: escrevivências de mulheres negras brasileiras e angolanas como instrumento de resistência sócio cultural*, aponta que:

Lélia elaborou, ao longo de sua militância e trajetória acadêmica, conceitos de análise como o ‘pretuguês’ e ‘amefricanidade’, para sustentar seu discurso teórico sobre o protagonismo da mulher negra na construção sociocultural e histórica do nosso país. No aspecto linguístico, o idioma brasileiro ‘o português’ sofreu forte influência de línguas africanas, que deram origem ao que Lélia denominava ‘pretuguês’. A mãe preta teve um papel fundamental neste processo, porque “é ela que vai passar para o brasileiro, de um modo geral, esse tipo de pronúncia, um modo de ser, de sentir e de pensar. (GONZALES apud CEVA, 1994, p. 385)

O “pretuguês” é um exemplo de resistência não só aos modos de linguagem hegemônicos, mas também porque sua proposição é uma denúncia das práticas racistas e higienistas. Assim como o “pajubá”, que são os modos de falar da dissidência sexual brasileira que se recusa a reproduzir os modos higienizados da linguagem heteronormativa, numa linguagem eminentemente rebelde, irônica e erótica.

A *deslenguada* estabelece conexões com o “pretuguês” e com o “pajubá” por meio de sua consciência periférica e contracorrente, posicionando-se contra a moral branca. Neste sentido, com expressão irônica, “A *deslenguada* é serva dos seus desejos, dona dos subúrbios voláteis do prazer. Dá forma à carne com um frondoso

herbário de flores venenosas para a moral branca.”²⁶ (FLORES, 2010, p.69-70).

3.1.3 *Transbordamento rebelde*

Rebelando-se contra as formas de linguagem que são normativizadas, a *deslenguada* demonstra a opção pela opacidade – sem a presunção de clareza e objetividade iluminista – no exercício de ficcionar seu texto. Neste sentido, podemos notar o opaco, expresso no seguinte trecho de Flores: “Não há pureza nem monolinguismo no exercício da fabulação deslenguada” (2010, p.28). Isto se dá porque a *deslenguada* busca se distanciar dos higienismos dos quais falamos, bem como envolve uma pluralidade de vozes que ecoam no seu texto.

Assim, a *deslenguada* já começa a transbordar sua rebeldia ao dizer que “A língua é o meu meio de produção, uma língua fronteira que se recusa a permanecer calada e obediente”. (FLORES, 2010, p.28).

O que a *deslenguada* põe em evidência, ao trabalhar a linguagem com sua força e rebeldia proletária, é a desnaturalização e o questionamento da linguagem padrão. Tal linguagem se estruturou nas formas de ver ocidentais, suas perspectivas binárias de mundo: biologizantes, heterossexualizadas, deterministas etc.

Portanto, os transbordamentos demonstram a insubordinação da proletária da linguagem que manifesta sua resistência e luta contra a opressão das dissidências, através de sua inscrição no campo da literatura de forma insubmissa. Nossas reflexões partem deste seu transbordar e sua rebeldia que perpassam a obra de val flores.

3.1.4 *Transbordamento que situa a exploração da América Latina*

Não há novidade na espoliação deste continente expropriado. Não há vingança que repare nem compense a ferida. A infâmia veio em um barco e a tirania se tingiu de proeza. Milhões de bocas foram saqueadas, línguas mutiladas e extirpadas com a linguagem da civilização. O relevo da América Latina se transformou em esfíncter de extração e exploração desenfreadas. A potestade do império foi assinada debaixo das montanhas dos órgãos e mucosas putrefatas. Do outro lado da vida, há populações de sombras que perseguem no crepúsculo. (FLORES, 2010, p.47).

²⁶ Tradução nossa de: “La *deslenguada* es sierva de sus deseos, ama de los subúrbios volátiles del placer. Moldea a la carne con um frondoso herbário de flores venenosas para la moral blanca”

A *deslenguada* desafia o olhar do colonizador apontando para o cinismo dos que chamam de conquista das Américas, o que nós chamamos de genocídio.

Os recursos naturais da América Latina serviram de matéria prima para o enriquecimento de seus colonizadores. Índios e negros escravizados serviram de mão de obra. A forma de dominação, que serviu para orientar e legimitar a exploração da América Latina, utilizou-se do domínio cultural e subjetivo, através da imposição:

A incorporação de tão diversas e heterogêneas histórias culturais para um único mundo dominado pela Europa, significou para esse mundo uma configuração cultural, intelectual, em suma; intersubjetiva, equivalente à articulação de todas as formas de controle do trabalho ao redor do capital, para estabelecer o capitalismo mundial. De fato, todas as experiências, histórias, recursos e produtos culturais, acabaram também articulados em uma ordem cultural só, global, em volta da hegemonia europeia ou ocidental. Em outras palavras, como parte do novo padrão do poder mundial, Europa também concentrou sob hegemonia o comando de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e, especificamente, do conhecimento, da produção do conhecimento. (QUIJANO, 2000, p. 209)²⁷

Desse modo, a produção de conhecimento, quando não questionada, torna-se também uma força que propulsiona a continuação da dominação e exploração na América Latina. “A elaboração intelectual do proceso de modernidade produziu uma perspectiva de conhecimento e um modo de produzir conhecimento que dá conta do caráter do padrão mundial de poder: colonial/moderno, capitalista e eurocentrado.”²⁸ (QUIJANO, 2000, p.218)

3.1.5 Transbordamento contra o feminicídio

Rastejar entre as línguas dos impérios é andar pela beira da toponímia das Irmãs assassinadas. Na área de contato assoma uma esquelética da memória. (FLORES, 2010, p. 67)

²⁷ Tradução nossa de “La incorporación de tan diversas y heterogéneas historias culturales a un único mundo dominado por Europa, significó para ese mundo una configuración cultural, intelectual, en suma intersubjetiva, equivalente a la articulación de todas las formas de control del trabajo en torno del capital, para establecer el capitalismo mundial. En efecto, todas las experiencias, historias, recursos y productos culturales, terminaron también articulados en un sólo orden cultural global en torno de la hegemonía europea u occidental. En otros términos, como parte del nuevo patrón de poder mundial, Europa también concentró bajo su hegemonía el control de todas las formas de control de la subjetividad, de la cultura, y en especial del conocimiento, de la producción del conocimiento.”

²⁸ Tradução nossa de: “La elaboración intelectual del proceso de modernidad produjo una perspectiva de conocimiento y un modo de producir conocimiento que dan muy ceñida cuenta del carácter del patrón mundial de poder: colonial/moderno, capitalista y eurocentrado.”

A citação acima de Val Flores (2010) traz à tona a perspectiva da *deslenguada* para a questão do feminicídio em sua obra. Podemos entender que a autora questiona o que é necessário para erguer e manter um império heteropatriarcal, cuja estrutura é sustentada pelo feminicídio. Esse *transbordamento contra o feminicídio* foi construído a partir das potências que percebemos na escrita *deslenguada*, com suas abordagens que se interligam aos olhares de mundo feministas e reafirmam a importância da memória daquelas que se foram.

A violência sofrida por outras mulheres emana de sua escrita como força insurgente diante das opressões patriarcais. Ela ressalta a relevância de não esquecermos quem o feminicídio vitimou, reafirmando a importância de não esquecermos nossas irmãs assassinadas, vítimas do feminicídio²⁹.

A América Latina possui os índices mais altos de assassinatos de mulheres no mundo. Sendo que o Brasil ocupa o quinto lugar em feminicídios e o primeiro na posição de país que mais mata pessoas LGBTQs.

A violência feminicida e contra LGBTQs é alarmante. Marcadores sociais, como raça e classe social, se somam a estas violências e aumentam as estatísticas de assassinato feminicida, sendo a população de mulheres negras, periféricas e LGBTQs, os principais alvos. O genocídio da população negra é uma expressão disto, ceifando vidas negras, não-negras (pardas e indígenas), periféricas e LGBTQs, pelo braço armado do Estado e sua violência racista, machista e LGBTQfóbica, que ainda permanece sem a atenção devida, sustentando o mito de país cordial.

A violência contra mulher foi debatida e tratada por diversas convenções internacionais, tais como: a *Convenção das Nações Unidas para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher* em 1979; o *Ciclo das Conferências das Nações Unidas*, na *Conferência Mundial sobre os Direitos Humanos de Viena* e a *Declaração das Nações Unidas sobre a Erradicação da Violência contra as Mulheres*, em 1993; a *Conferência Internacional sobre População e*

²⁹ O entendimento de feminicídio ao qual esse transbordamento se propõe em nossa construção diz respeito às mulheres e sujeitos dissidentes da heteronorma.

Os termos lesbocídio e transcídio são termos criados para reconhecer especificamente o assassinato e suicídio de lésbicas e de pessoas transexuais, travestis e transgêneras. Foi publicado em 2018 o primeiro dossiê sobre lesbocídio no Brasil. Disponível em:

<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/fontes-e-pesquisas/wp-content/uploads/sites/3/2018/04/Dossi%C3%AA-sobre-lesboc%C3%ADdio-no-Brasil.pdf>

Desenvolvimento do Cairo em 1994; e a *IV Conferência Mundial sobre a Mulher*, realizada em 1995, em Beijing.

Em 9 de junho de 1994, a *Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher*, ou simplesmente, *Convenção Belém do Pará*, reconheceu a violência contra as mulheres como violação dos direitos humanos e estabeleceu deveres aos Estados signatários, com o objetivo de criar condições reais para a ruptura com o ciclo da violência identificado contra as mulheres, em escala mundial. Assim, foi ratificada a *Conferência Mundial dos Direitos Humanos*, em Viena, onde a violência de gênero foi considerada uma questão de Estado, desvelando também o mito de que a violência contra a mulher ocorre majoritariamente na esfera pública.

No Brasil, a Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006) está em vigor desde 2006, e se converteu no principal instrumento legal para coibir e punir a violência doméstica contra as mulheres neste país. Como a lei se baseia na violência praticada contra o gênero feminino, a lei abrange, portanto, desde mulheres heterossexuais, mulheres bissexuais, às lésbicas, travestis e transexuais. Embora a violência seja praticada majoritariamente por homens, se a praticante da violência contra a mulher for também do gênero feminino, também responde pela Lei Maria da Penha. Em março de 2015, quase dez anos depois da criação da Lei Maria da Penha, a Lei 13.104, conhecida como *Lei do Feminicídio*, foi sancionada pelo Governo Federal da presidenta Dilma Roussef. A lei prevê:

[...] o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio contra a mulher por razões da condição do sexo feminino, incluindo a violência doméstica e familiar, bem como menosprezo ou discriminação à condição de mulher. (BRASIL, 2015).

A partir dessas convenções, tornou-se consenso que a violência doméstica contra as mulheres é um tema de saúde pública. Mas a importância dessa pauta não deveria ser usada como justificativa apenas nesse setor. Deveria ser, inquestionavelmente, uma questão também da Educação. Ao mesmo tempo, e cinicamente, o Estado cria barreiras que impedem a educação nas escolas para conscientizar e prevenir a violência misógina, racista, lgbtfóbica, capacitista, etc.

Por isso, os movimentos feministas, apesar de heterogêneos, atuam de diversas maneiras em trabalhos de base, realizando trabalhos educativos, produções audiovisuais, artísticas e formações políticas (cursos, oficinas, encontros, seminários

etc), bem como ações políticas, manifestações em defesa das mulheres e LGBTQS (atos pela legalização do aborto, contra o feminicídio, contra a cultura do estupro etc).

Assim, a *deslenguada* não espera que a mudança aconteça através das leis, mas crava suas palavras incisivamente na linguagem ferindo a misoginia.

Destacamos dois casos recentes que se sobressaltaram: em 2016, Luana Barbosa dos Reis, 34 anos, negra, lésbica e moradora de Ribeirão Preto, interior da cidade de São Paulo, foi brutalmente espancada pela polícia, o que a levou à morte. Em março de 2018, Marielle Franco, 38 anos, negra, bissexual, mãe, moradora da Favela da Maré e vereadora no Rio de Janeiro, foi executada a tiros³⁰. Sua morte motivou protestos em todo o país e diversas reportagens sobre o caso foram divulgadas pela mídia internacional. A morte de Marielle semeou a insurgência ainda maior de representação de seu projeto político³¹.

Em memória das vozes daquelas que foram silenciadas até sua morte, o movimento auto-organizado *Caminhada de Lésbicas e Bissexuais da cidade de São Paulo* teve como bandeira principal os temas: *Luanas e Katianes, quantas mais? Resistimos!*³² e *Somos Marielle: contra a criminalização da pobreza, o genocídio e a intervenção militar*³³, respectivamente nos anos 2017 e 2018. Com apresentações artísticas e musicais, a caminhada celebra, há 15 anos, a “(r)existência” de lésbicas e de bissexuais, posicionando-se contra o racismo, o machismo e a transfobia.

3.2 Heterossexualidade Compulsória

O ar é hetero, por isso asfixia. De classe audaz e defeituosa, eu-e-la-você silencia o olho pela língua preênsil. O esfregamento vulvar deixa em segredo o afanoso idioma da combustão, inigualável liturgia para o dilúvio noturno que atenta contra o governo do medo. (FLORES, 2010, p. 39)

Ao dizer que o ar é hetero, a *deslenguada* evidencia a heterossexualidade enquanto norma, como referência sexual e cultural obrigatória. Assim como respirar não é uma escolha, a heterossexualidade se apresenta em sua pretensa naturalidade

³⁰ https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/15/politica/1521080376_531337.html. Acesso em 03 de setembro de 2018.

³¹ Ela foi vereadora pelo Partido PSOL – Partido Socialismo e Liberdade, fundado em julho de 2004.

³² REVISTA FORUM, 2018. Disponível em < <https://www.revistaforum.com.br/caminhadalesbicaebi/>. Acesso em 3 de setembro de 2018.

³³ REVISTA PONTE, 2018. Disponível em <<https://ponte.org/e-fundamental-que-a-gente-nao-se-cale-diz-viuvade-marielle-em-caminhada-em-sp/>> Acesso em 3 de setembro de 2018.

como um destino inescapável. Contudo, o friccionamento entre buquetas³⁴, prática afetivo-sexual conhecida como *tribadismo*, resiste às práticas que pretendem instalar reações de medo àquelas que desviam do que lhes é predestinado.

Sobre isso, Adrienne Rich (2010), nos brindou com um texto chamado *A heterossexualidade compulsória e a existência lesbiana*, desvelando as maneiras pelas quais a heterossexualidade, enquanto uma instituição, retira o poder das mulheres e obstaculiza o vínculo entre mulheres. Mas a existência lésbica se apresenta como uma ruptura a esse modo compulsório de vida.

Para Rich (2010, p.35), a “[...] existência lésbica sugere tanto o fato da presença histórica de lésbicas quanto da nossa criação contínua do significado dessa mesma existência”. Ela chama de *continuum lésbico* o conjunto de experiências de identificação da mulher, o apoio mútuo, tanto no apoio político ou de sobrevivência, abrangendo ou não relações sexuais entre elas.

Ainda que haja coerções e boicote, o *continuum lésbico* atravessa, ao longo da história, reagindo contra a tirania masculina que incide sobre as maneiras pelas quais as mulheres buscam criar ou sobreviver.

Aqui, fazemos uma referência aos modos através dos quais o *continuum lésbico* resiste à desvalorização heteronormativa. Nesse sentido, para Rich:

[...] o trabalho dessas mulheres, mesmo se apenas o trabalho cotidiano de sobrevivência ou resistência individual e coletiva, mas, acrescento, o trabalho da escritora, da ativista, da reformadora, da antropóloga ou da artista – o trabalho de autocriação – é desvalorizado e tratado como o fruto amargo da “inveja do pênis”, sublimação de erotismo reprimido ou a diatribe sem sentido de uma pessoa que “odeia homens”. (RICH, 2010, p.39)

A *deslenguada* não camufla nem esconde seu desejo pela *hermana*, em uma eroticidade lésbica, ela demonstra seus desejos e suas práticas sexuais, optando pela despudorização de sua língua ingovernável. A respeito disto, flores afirma sobre a *deslenguada*:

Pensa com lascívia no lóbulo da irmã. Ofega e chupa até a eclosão. O rasto se expande em jorros. A proletária não morde, porque seus dentes têm sido confiscados pela repartição injusta que mobiliza o mundo. Mas suga, aspira, lambe. Pressente que sua língua a abastece de táticas insuspeitas. É a prótese do seu conhecimento. Pensa em

³⁴ Preferimos friccionamento entre “bucetas” porque tem uma conotação mais erótica e apropriada para esta expressão do que vagina e para se distanciar da terminologia médica.

línguas, sua língua pensa nela. Os registros diversos se acumulam, sem manobra hierárquica, em seus conectores semióticos. Há fricção no ar, mas o aqui-agora é o vórtice que articula sua cartografia narrativa. A *deslenguada* se alimenta dos cânones periféricos e subalternos, contagia-se dos vírus e os pesadelos das deformadas. (FLORES, 2010, p. 49-50)

Por isso, há uma feminização da escrita na obra, de modo que a *deslenguada* produz uma poética/erótica do signo, que “[...] extravasa o marco de retenção/contenção da significação masculina com seus excedentes rebeldes tais como: corpo, libido, gozo, heterogeneidade, multiplicidade, para desregular a tese do discurso majoritário”. (RICHARD, 2002, p.133). Esse extravasar surge quando:

A língua ígnea se lambe a si mesma e acende toda extremidade do seu corpo, desenvolve um gozo inigualável. A proletária é aguerrida em seu desejo de imanência, arder é o seu ofício. Vive na diáspora das palavras, buscando o pólen de seu sexo múltiplo. (FLORES, 2010, p.52)

A constatação de *excedentes rebeldes* nos fala, especialmente, de uma eroticidade no “deslinguar” da proletária.

Audre Lorde (1984) já nos disse, em seu ensaio intitulado *Os usos do erótico – o erótico como poder*³⁵, da força da eroticidade na vida das mulheres. É erótico o envolvimento sexual entre os corpos, mas também o poder, no que tange uma atividade auto-afirmativa da energia criativa retomada na linguagem, na história, em dançar, em amar, no trabalho e na vida como um todo, frente à uma sociedade racista, patriarcal e anti-erótica.

3.2.1 Acerca da Energia Criativa

Fazendo uma alusão crítica à atividade criativa das mulheres e dissidências, o status social das artistas é um exemplo disso.

O texto canônico *Porque não houveram grandes mulheres artistas*, da norte-americana Linda Nochlin, de 1971, sugeriu que forças sociais – como o machismo – contribuíram e contribuem para a invisibilização das mulheres na história das artes pelo mundo, e também ocultam os processos e procedimentos do próprio

³⁵ Tradução de Tatiana Nascimento. Disponível em português em: <https://apoiamutua.milharal.org/files/2014/01/AUDRE-LORDE-leitura.pdf>

fazer artístico, pondo-os em xeque e desnaturalizando a ideia do gênio criador.

Alguns dos esforços iniciais que as teóricas feministas fizeram, representam o resgate do papel das mulheres na história da arte, entre eles, denunciar a subjugação das mulheres, enquanto musas e objetos dos artistas homens em suas obras, ao longo dos tempos.

Esse campo do conhecimento é conhecido como *crítica feminista* e essa busca, de um modo geral, revela os mecanismos da reprodução da violência que recai sobre as mulheres em sua diversidade, apontando como a arte também participa de processos desconstrutivos. Segundo María Laura Gutierrez:

Se reclamarmos esse lugar, até e a partir das análises críticas e teóricas feministas, da história da arte, é porque sustentamos que esses discursos, assim como suas práticas artísticas, têm sido historicamente um lugar de construção de subjetividades, corpos e vidas possíveis e vivíveis, obviando e silenciando o ocultamento violento daquela infinidade de vidas que não se ajustam às normas impostas, que vêm juntas com a assunção explícita, por parte da história da arte oficial, do heteropatriarcado. É por isso que perseveramos em traçar palavras que insistem em pensar a prática artística como um lugar onde discutir e subverter os sentidos atribuídos a partir do androcentrismo e da heterossexualidade obrigatória. (GUTIERREZ, 2015, p. 66)

Dando continuidade às ponderações acima, Gutierrez (2015) destaca algumas das principais reflexões que vêm sendo realizadas nos últimos quarenta anos: investigações históricas específicas sobre mulheres artistas; a busca de diferentes modos de expressão das mulheres ou de “ser mulher” ou de uma identidade sexual feminina; a crítica à universalização das experiências e representações do sujeito mulher; a exploração de novas formas estéticas de produção e recepção das críticas aos modos de distribuição e circulação das obras e da constituição das instituições artísticas.

Ainda sobre o tema, Lin Alves Arruda (2013), em sua dissertação de mestrado *Estratégias desconstrutivas: a crítica feminista da representação*, faz análises em que critica propostas nas quais a categoria *mulher* é apresentada de forma essencialista, tanto pela mídia de massa (revistas, novelas, propagandas etc.), quanto em trabalhos de artistas feministas. Algo que apresenta riscos ao perpetuar as assimetrias de gênero e contribuir para exclusões de sujeitos, éticas e apostas políticas que o próprio feminismo condena. Quanto a isso:

A principal problemática incitada pela constatação de que produzindo imagens de mulheres artistas feministas manejam códigos e valores hegemônicos está relacionada ao potencial de reificação ou naturalização dos termos imbuídos nas imagens de mulheres, em especial no que diz respeito à heterossexualidade compulsória. Salienta-se que tais evocações/representações centradas no gênero (no caso, imagens de mulheres) engendram automaticamente a constatação da feminilidade como construção relacional (oposicional) à masculinidade, dentro de uma matriz de cognição que regula o gênero, o que pode implicar efeitos reificadores capazes de naturalizar as engrenagens do sistema sexo/gênero. (ARRUDA, 2013, p.32)

A categoria *mulher*, quando analisada desde os pressupostos que a enquadram em essencialismos, permite analisar a influência da presença da heterossexualidade em tais análises e também sua misoginia inerente.

Então, como refletir sobre a criatividade da dissidência, já que são pessoas que não estão em relações de heterossexualidade?

Como argumentou Monique Wittig³⁶, “[...] o pensamento hétero desenvolve uma interpretação totalizante da história, da realidade social, da cultura, da linguagem e simultaneamente de todos os fenômenos subjetivos”³⁷. (2006, p.51)

Assim, a linguagem é de uma outra ordem de materialidade, “[...] ela é trabalhada de dentro por conceitos estratégicos e diretamente ligada ao campo político, onde tudo o que concerne a linguagem, a ciência e o pensamento se refere à pessoa enquanto subjetividade e à sua relação com a sociedade”³⁸. (2006, p.54)

Então, para escapar dessa cilada heteronormativa, a dissidência sexual aposta em outros meios de produções artísticas e de sua exibição. Como pontuou Arruda em seu artigo mais recente *Translesbianizando o olhar: representações na margem da arte*,

[...] à margem dos sistemas e dos aparatos ideológicos culturais, lésbicas e/ou pessoas trans, impulsionadas pelo ócio criativo, têm se

³⁶ Quando, por exemplo, Wittig (2006) diz que “[...] as lésbicas não são mulheres”, ela diferencia o sujeito *lésbica* do sujeito *mulher*, pois mulher tem significado apenas em sistemas de pensamento heterossexuais e em sistemas econômicos heterossexuais. Sendo assim, a *mulher* é constituída como o *Outro do homem*, como já havia nos apresentado Simone de Beauvoir (1949), em *O segundo sexo*.

³⁷ Tradução nossa de: “[...] el pensamiento heterosexual se entrega a una version totalizadora a la vez de la historia, de la realidad social, de la cultura, del lenguaje y de todos los fenómenos subjetivos”.

³⁸ Tradução nossa de: “Un orden que está trabajado de arriba abajo por estos conceptos estratégicos. Este orden, a su vez, está directamente conectado con el campo político en el que todo cuanto atañe al lenguaje, a la ciencia y al pensamiento, remite a la persona en cuanto subjetividade, y a su relación con la sociedad.”

contaminado e se agrupado em manadas afetivo-políticas autônomas para fazer piadas, brincadeiras, pegadinhas, pichações e manifestações criativas, incisivas e deliberadamente políticas. (ARRUDA, 2015, p. 231)

Desse modo, “[...] a dissidência se situa propositalmente fora dos circuitos de artes” (ARRUDA, 2015, p.31), pois a própria maneira como são pensadas e articuladas as galerias e exposições de arte, está imbuída de proposições heteronormativas.

3.3 Dissidência da heteronormatividade

Neste item, discorreremos sobre o que chamamos de *dissidência da heteronormatividade*. Apresentamos aqui nosso entendimento sobre esse conceito na relação com a figuração *deslenguada*.

Chamamos de *dissidências da heteronormatividade* (também conhecidas como *dissidências sexuais*), as identidades que não se conformam ao padrão heteronormativo, que só reconhece homem e mulher como identidade, e a heterossexualidade como norma.

Além disso, o termo é escolhido como opção ao termo *diversidade sexual*, pois esse está mais próximo de um termo normalizado para atender ao discurso neoliberal. Sobre isso, Colling afirma que:

Boa parte do movimento LGBT e os estudos gays e lésbicos utilizam o conceito de diversidade sexual e de gênero. Usamos aqui a expressão dissidências no sentido pensado pelo artista e ativista chileno Felipe Rivas San Martin: “de início usamos a palavra ‘diversidade’ quase como continuação do Comitê de Esquerda pela Diversidade Sexual, que foi o antecedente do CUDS. O discurso da dissidência sexual começa a aparecer em 2005 também porque coincide com o fato do tema da diversidade sexual, nesse momento, começar a se tornar muito institucional, quando o termo ‘diversidade’ parece ser demasiado normalizado, muito próximo do discurso da tolerância, demasiado multicultural e neoliberal. Por outro lado, tampouco nos interessava uma nomenclatura queer diretamente, pois estávamos muito preocupados com essas hierarquias norte-sul, na circulação de saberes e pensando muito fortemente no local, na genealogia local das sexualidades críticas. O conceito de dissidência sexual nos retira dessa lógica multiculturalista inócua, neste momento já muito perto do discurso do Estado, e também não é simplesmente uma repetição de um discurso norte-americano do queer, de um discurso metropolitano hegemônico. Ao mesmo tempo, dissidência é pós-identitário porque não fala de nenhuma identidade em particular, mas põe o acento na crítica e no posicionamento político e crítico.

(COLLING, 2018, p. 154)

Judith Butler, em *Problemas de Gênero*, ao cunhar o conceito de *performatividade*, trata as práticas discursivas contínuas sobre o corpo como ficções reguladoras constitutivas das identidades de gênero. A autora aponta que:

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. A genealogia política das ontologias do gênero, em sendo bem sucedida, desconstruiria a aparência substantiva do gênero, desmembrando-a em seus atos constitutivos, e explicaria e localizaria esses atos no interior das estruturas compulsórias criadas pelas várias forças que policiam a aparência social do gênero. (BUTLER, 2010, p.59)

Gênero não é a expressão de um sexo natural, como já indicava Foucault em *História da Sexualidade - a vontade de saber* (1977). Para ele, a sexualidade resulta em um produto dos discursos sobre o sexo, através de procedimentos de confissão e da discursividade científica. Gênero e sexualidade são compreendidos a partir daí, não apenas em termos puramente biológicos.

Desta problemática surgiram as discussões sobre a despatologização de sexualidades consideradas “anormais”, bem como as identidades que transgridem as normas de gênero. Assim como a *deslenguada*, que entra num campo discursivo de tensionamento de enunciados que visibilizam os sujeitos nos seus corpos dissidentes, não heterossexuais. Por isso, “[...] a proletária atravessa a lesbiana, a trans, a queer”. (FLORES, 2010, p. 62)

A *deslenguada* contrapõe-se à representação clássica da *mulher* e produz uma imagem múltipla e opaca em sua figuração, apresentando a proletária da linguagem, sujeito da dissidência sexual, que se esforça por se desviar de inscrições heterossexualizantes em seu texto.

3.4 Resistência aos silenciamentos

Não é a sociedade quem deveria se sentir responsável quando a gente vê em todos os filmes as mulheres fazendo os papéis das vítimas mais atozes. Somos nós as que devemos nos sentir responsáveis. Do que nos acontece, de negarmos a morrer, de querer viver para contá-lo. De abrir a boca. Já conhecemos essa ladainha, a que diz que tem que se sentir culpável do que te acontece. (DESPENTES, 2007, p. 101-

102)³⁹

Virgine Despentes, em sua obra *Teoria King Kong* (2007), elucida a questão da opressão de gênero sob a ótica da autonomia, ressaltando que a desconstrução do papel sociocultural de mulheres cabe, principalmente, a estas, como sujeitos dissidentes, potentes de transformação de suas próprias vidas.

Compreendemos que a *resistência aos silenciamentos* se situa na obra de Val Flores, em especial, na expressão *deslenguada*.

Nossa análise sobre *Deslenguada* chega ao encontro da *resistência aos silenciamentos* pois compreendemos que a figuração da *deslenguada*, em si, resiste e tensiona o campo de disputa de enunciados. Como isso se dá?

A eroticidade da *deslenguada* está presente em toda a sua escritura, declarando um prazer à escrita, o gozo por romper com os silêncios e o afã vital em tecer comunidade com as irmãs.

É destra para as incisões no corpo da escrita, as que drenam os silêncios acumulados. Cirurgiã em letras, a operação prazerosa encavala os rumos do pensar não-complacente até as regiões inóspitas da sua comunidade de irmãs. A *deslenguada* conhece o desterro por brincar de abandonar o sagrado e por inventar adivinhações de resposta impronunciável. Reúne as sanções para entrelaçar um colar de rebeldes. Mais do que amuleto ou estigma, retrato de língua ingovernável. Seus passos preferem o solo volátil do deserto. Ponto a ponto perfura a palavra postiça que cala o excesso. Com sua língua alcança meu/teu/seu clitóris anêmico, viveiro de fala carnícera. O distúrbio incendia as regiões limítrofes e o crepitar do legado imaculado aturde a noite. (FLORES, 2010, p. 53)

Em *De que hablamos cuando hablamos de resistencia*, Néstor García Canclini, antropólogo argentino, ao refletir sobre resistência, afirma que:

A noção de resistência é uma das mais gastas e menos analisadas na retórica crítica. Como acontece com qualquer outro termo, seu sentido se constitui não em si mesmo nem ao se manter autoritariamente o que a sua raiz prescreve senão se articulando com outros conceitos.

³⁹ Tradução nossa de: “No es la sociedad la que debería sentirse responsable cuando vemos en todas las películas a las mujeres haciendo los papeles de las víctimas más atroces. Somos nosotras las que debemos sentirnos responsables. De lo que nos sucede, de negarnos a palmarla, de querer vivir para contarlo. De abrir la boca. ya conocemos esa cantinela, la que dice que tienes que sentirte culpable de lo que te sucede.”

Nos dicionários da política e a cultura, *resistência* não aparece ou costuma se associar ou se opor a outras palavras cujo significado está em pleno debate: aculturação, alternativa, dominação, emancipação, hegemonía, imperialismo, pós-colonialismo. Esses outros conceitos de referência recebem um tratamento minucioso e polêmico, enquanto que a resistência é convocada de modo não pensado, quase mágico.⁴⁰ (CANCLINI, 2013, p. 3)

Por conseguinte, a resistência a que referimos em *Deslenguada* surge a partir do que ela evoca contra os silenciamentos produzidos socialmente contra populações marginalizadas, oprimidas e excluídas no âmbito das relações sociais, assim como é a *dissidência sexual*.

O emudecimento de pessoas dissidentes é um efeito da política de silenciamento – a negação, censura e desvalorização das expressões linguística, artística e cultural da dissidência – bem como das práticas de violência, sendo a morte, seja através de assassinatos ou do suicídio, considerada o silenciamento último.

A resistência de *deslenguada* aparece ao trazer consigo falas que situam sua opção pela rebeldia, pela opacidade, pela marginalidade, pela inadequação consciente das normas que não compactuam com a heteronormatividade silenciante.

⁴⁰ Tradução nossa de: La noción de resistencia es una de las más gastadas y menos analizadas en la retórica crítica. Como ocurre con cualquier otro término, su sentido se constituye no en sí mismo ni manteniendo autoritariamente lo que su raíz prescribe sino articulándose con otros conceptos. En los diccionarios de la política y la cultura, resistencia no aparece o suele asociarse u oponerse a otras palabras cuyo significado está en pleno debate: aculturación, alternativa, dominación, emancipación, hegemonía, imperialismo, poscolonialismo. Estos otros conceptos de referencia reciben un tratamiento detenido y polémico, mientras resistencia es convocado de modo no razonado, casi mágico.

4 A PROLETÁRIA DA LINGUAGEM

Figura 4 – val flores

Fonte: POTENCIA TORTILLERA (2018)

Neste último capítulo, apresentamos em quatro itens a discussão final, a partir de reflexões sobre a ideia da *proletária da linguagem*.

No primeiro item, definimos o que compreende a expressão *proletária da linguagem*. O segundo item se propôs a discutir a *escritura* de val flores como atividade política consciente e prazerosa de produção de conhecimento.

Já no terceiro item, denominado *Docência*, tratamos sobre os relatos de experiência de quando foi professora “fora do armário” em escolas públicas e as reflexões que val flores faz sobre as pedagogias antinormativas, bem como a figuração do *armário da professora tortillera*.

O quarto e último item, denominado *Ativismo*, encerra esta dissertação refletindo acerca das práticas ativistas da autora, situada a partir de uma perspectiva dissidente.

4.1 val flores: uma proletária da linguagem?

*“Áspera, a existência da deslenguada é uma
figuração crua da insolência proletária.”*

(val flores)

Neste primeiro item, nos debruçamos sobre a expressão *proletária da linguagem*, metáfora que val flores utilizou para aquelas que trabalham as palavras. E, chegamos a seguinte indagação: val flores seria uma proletária da linguagem?

val flores em uma entrevista concedida ao *MACBA – Museu de Arte Contemporânea de Barcelona*⁴¹, diz que trabalha a linguagem no tripé: escritura, docência e ativismo.

Em *Él sótano de San Telmo: una barricada proletária para el deseo lésbico en los 70*, val flores faz uma referência que alude à proletária da linguagem usando a expressão *trabalhadora da palavra*, ao se referir às ativistas lésbicas, no período da ditadura militar argentina: “Porque tanto ela como Martha eram trabalhadoras da palavra, eram jornalistas em diversos veículos gráficos, já que de militância partidária ou do ativismo lésbico” (2015, p. 2). O livro foi escrito especialmente para compor os arquivos digitalizados do ativismo lésbico na Argentina.⁴²

Há outros motivos pelos quais escritoras e teóricas feministas – negras, lésbicas e latinas – falam sobre o trabalho com a poesia ou a atividade da escrita. Audre Lorde (1984) argumenta, por exemplo, que a poesia não é um luxo, constituindo uma força vital para as mulheres. Sobre sua relação com a escrita, Glória Anzaldúa, em *Falando em línguas: Uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*, pergunta:

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me

⁴¹ Entrevista disponível em: <https://www.macba.cat/es/sonia-257-val-flores>.

⁴² Para consulta do livro e dos arquivos, ver <http://potenciatortillera.blogspot.com>.

descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. (ANZALDÚA, 2000, p. 32)

Para Anzaldúa, o ato de escrever configura-se como uma atividade que lhe dá valor, autonomia, que a salva do que lhe dá medo. Podemos inferir que a escrita, para ela, está ligada à sua sobrevivência e à sua estima. A autora dá exemplos de si e dicas para as mulheres escritoras do terceiro mundo, contrapondo-se ao que Virginia Woolf disse sobre ter um quarto próprio para escrever, aconselhando-as a escrever na cozinha, no banheiro, “[...] no ônibus ou na fila da previdência social, no trabalho ou durante as refeições, entre o dormir e o acordar” (ANZALDÚA, 2000, p.233).

A figuração de *deslenguada* não seria tão bem compreendida se não localizássemos a autora. Daí emerge a necessidade de ressaltarmos o *lugar de fala* da autora que coloca na “linha de frente” das resistências o âmbito da comunicação, através da linguagem como atividade política.

val flores tem conhecimento amplo e profundo do que escreve, e parte também da política de localização para posicionar seu trabalho. Ela busca romper as mordaças que calam as vozes lesbianas a partir de sua experiência, seu corpo e sua voz. Defende a palavra como suporte escapatório da heterossexualidade obrigatória. Mais que sobreviver, busca constatar que a autocensura que é imposta socialmente, favorece o apagamento social e desaparecimento das lésbicas.

A seguir, apresentaremos reflexões sobre o tripé das práticas da trabalhadora da linguagem em seu trabalho: a escritura, a docência e o ativismo, nomeados assim, por ela própria.

4.2 Escritura

Estimulada pela força perturbadora da escritura enquanto incitação para fazer uma experiência que altera, questiona, disputa, nossos modos habituais de olhar, dizer, fazer, o tecido deste corpo de pensamento que se compõe de feminismos, políticas de identidade, ativismo *cuir*, busca se desmarcar das políticas liberais LGTTTB e feminista que atuam como formatos limitantes dos devires políticos. (FLORES, 2005, p. 31)

Escritura se refere a um dos três eixos pelos quais val flores trabalha a

linguagem. Descrevemos neste item, algumas considerações que ela faz acerca da escrita que produz, bem como a potência, fluidez e inventividade poética e política com a qual ela escreve.

val flores tem uma série de livros e textos publicados por editoras, em zines, e em *blogs*. A poesia, os poemas, a autoficção, as narrativas lesbianas, as perspectivas e reflexões sobre sua própria prática docente, questionamentos acerca da heterossexualidade institucionalizada nos espaços escolares, no pensamento e nas ações são alguns dos temas pelos quais podemos ler sua produção de saberes dissidentes e localizados.

Bastante arraigados em experiências pessoais e com viés político e imaginativo, seus textos são constituídos por outras vozes teóricas, mas não menos críticos dos modos de produção acadêmicos. Ainda mais a própria escritura, como eixo principal de sua prática ativista.

Em *Notas lesbianas, reflexiones desde la disidencia sexual* (2005), val flores escreve a partir de uma perspectiva parcial, levando em conta a política de localização.

Ela escreve diversos textos em que põe em evidência a visibilidade lésbica e a construção de um ponto de vista lésbico a partir de sua própria voz. Além disso, proporciona reflexões com o relato de sua experiência de visibilização como professora lésbica, em sala de aula. Situação que tratamos no item seguinte, juntamente com suas perspectivas docentes.

Chama atenção o fato de que, na introdução do livro mencionado, a autora enuncia a “[...] palavra como o artefato que permite fazermos visíveis e outorgarmos a real dimensão da nossa existência” (FLORES, 2005, p.3).

Flores defende a escrita contra os dispositivos de emudecimento pelos quais a heterossexualidade se recusa a mostrar as lesbiandades com aprovação:

Eu tentei escrever a partir de uma posição que aprova e reafirma uma existência lésbica, em uma intensa luta interna, que me tem significado afetos e desafetos. O fato de nos liberarmos da autocensura que tem sido imposta e é, talvez, uma das preocupações centrais com as quais tenho lidado no meu ativismo feminista. Sempre por uma coisa ou por outra aparece a necessidade de apagar a si mesmas, seja pelos debates atuais sobre a contingência e provisoriade da identidade levados ao extremo da dissolução, porque em algum ambiente não é necessário, não é conveniente, não é importante, e assim numa continuidade progressiva de desaparecimentos. Diante desses embates da própria mordada e da censura externa, acho que é mais conveniente

um pouco de essencialismo estratégico que impulsiona a se nomear antes que a supressão da identidade sob o manto da diferença homogeneizadora do “outro”. (FLORES, 2005, p.4)

E assim, autoriza a si mesma, liberando-se da autocensura, Flores (2005) também diz que construir modos próprios de representação “não é uma tarefa fácil”. Requer enfrentar uma certa vulnerabilidade no momento da escrita, mas também as “maciezes impensáveis”. Ela diz que o processo de encontrar essa voz, do exercício de dizer e aprender a falar uma linguagem nova, é uma travessia “[...] com a intensidade de um rio subterrâneo que se desborda e aparece de vez em quando à superfície para novamente desaparecer” (2005, p. 12).

val flores (2005) alude a uma poética lesbiana que integra uma autonomia erótica das mulheres, pondo em cena o prazer feminino liberado da confiscação religiosa, estatal e patriarcal como uma tarefa política a ser expandida e consolidada. Da mesma forma, a obra *Deslenguada* corresponde a uma poética que fissura “[...] a ficção heterossexualizante da sociedade, de narrações e imagens em que os textos corporais são legíveis só em termos de erotismo homem-mulher, colonizando desta maneira o imaginário social”.⁴³ (FLORES, 2005, p.16).

A produção de imagens, textos e narrativas em que a centralidade se dá nas relações entre mulheres – e não homem-mulher -, possibilita a constituição de um imaginário lesbiano que tornaria possível uma inteligibilidade lesbiana fora do discurso do regime heterossexual. (FLORES, 2005)

Em seu livro *Interruqiones, ensayos de poética activista: escritura, política, pedagogia*, Flores diz que há formas de pensar que não servem ao pensamento dissidente, tais como os axiomas da positividade, da produtividade, a política de redenção da afirmação, do progresso, as narrativas de sucesso, as retóricas da esperança e o imperialismo da felicidade pois estes se adequam à política da heteronormatividade. (2013, p. 26).

Desse modo, ela compõe sua ética escritural baseada na dissidência, em que cada um dos seus textos busca revelar as operações políticas pelas quais estão imergidos o discurso, a cultura e a política em propagandas da heterossexualidade.

O trabalho de sua escrita tem uma aposta teórico-política do uso da

⁴³ Tradução nossa de: “[...] ficción heterossexualizante de la sociedad, de narraciones e imágenes en que los textos corporales son legibles sólo en términos del erotismo varón-mujer, colonizando de esta manera el imaginario social”

imaginação e da invenção a partir de uma perspectiva parcial, localizada e dissidente. Em sua produção de poemas, prosa ou ficcionalizando teorias, val flores afirma:

[...] sem temor de estar absolutamente contra-corrente da atmosfera de consenso político deste tempo, estou convencida que precisamos de mais ficção teórica, mais especulação literária, mais imaginação política, mais vitalidade poética. A ficção teórica, como se refere Teresa de Lauretis, é uma prática de escrita experimental na forma, crítica e lírica, autobiográfica e filosófica, que atravessa os limites impostos pelos gêneros (os limites entre poesia e prosa, entre palavra e imagem, entre narrativa e crítica) criando novas correlações entre signos e significados, novas mediações discursivas entre o simbólico e o real, entre linguagem e corpo. Ainda assim, Donna Haraway sustenta que a ficção-científica, os futuros especulativos, a ciência-fantasia, a ficção especulativa, são modos escriturais adequados para investigar o artefactual como uma tecnologia reprodutiva do que poderia resultar algo diferente à imagem sagrada do idêntico, algo inapropriado, impróprio, e portanto, quiçá, inapropriável. Esses estilos nos motivam a nos comprometer ativamente com imagens, argumentos, figurações, artefatos, manobras linguísticas, em conclusão, com mundos, nem tanto para fazer que se revelem de maneira “correta”, senão para fazer com que existam e se movam de maneira “diferente”. Por isso, fazer teoria a partir de um ponto de vista lésbico ou trans é um trabalho de invenção, porque somos mais um produto de silêncios, apagamentos, do que marcas e inscrições. (FLORES, 2013, p. 27)

val flores analisa precisamente onde agem as políticas do silenciamento. Sua produção textual compõe poéticas-político-inventivas que contribuem para o imaginário dissidente e, por conseguinte, produz realidades dissidentes consubstanciadas pelo viés da potência e da afirmação.

4.3 Docência

Neste item, refletimos sobre as práticas docentes de val flores e como estão interligadas à sua prática intelectual e de produção escrita para gerar reflexões acerca de pedagogias antinormativas.

Para val flores (2005), a educação produz ignorância e silêncio em torno das sexualidades e em particular, das lésbicas. Ela escreve sobre a produção da identidade da professora enquanto uma identidade produzida pela heteronormatividade.

Flores (2005), argumenta que a escola pensada no início do século XX, como um projeto que visava moralizar e disciplinar principalmente os setores

populares na Argentina, produziu efeitos nos corpos das mulheres professoras, deserotizando seus corpos, não só a partir da repressão de sua sexualidade, mas construindo uma nova identidade sexual e moral: a da *senhorita professora*, que resultou ser fundamental também na formação da mulher burguesa.

A docência adquire um caráter eminentemente ligado ao feminino, ao religioso, possuindo um caráter quase sacerdotal, circunscrevendo a professora em um conjunto de representações: exemplo de virtude, entregue, vigilante, sem interesses egoístas, que ensina por amor, por vocação etc. Nesse sentido, o magistério passa a ser encarado como uma extensão da maternidade.

A autora ainda nos põe a refletir sobre as professoras que não eram mães e que, portanto, não correspondiam ao ideal de mãe burguesa, e que ao encontrar no magistério um lugar para a escrita e a intelectualidade, poderiam estar silenciando seus desejos por outras mulheres. Pois as práticas lésbicas e as relações eróticas entre mulheres eram combatidas, vigiadas e punidas porque não atendiam a função social da maternidade e, por conseguinte, aos interesses da formação do estado nacional.

A perspectiva pedagógica da instituição escolar resulta em invocar saberes heterossexualizantes que estão implicados numa produção de ignorância e de subjetividades heterossexualizadas, a partir de estratégias que silenciam as sexualidades dissidentes.

Então, vale analisar a produção de subjetividades binárias resultantes desse processo – do menino-macho e da menina-mulher – em que a infância é encarada como dessexualizada e limita as aulas de sexualidade na adolescência à reprodução sexual e às doenças sexualmente transmissíveis.

Para val, “[...] a escola, como instituição que guarda e observa esse silêncio, produz o armário para as professoras” (2005, p. 46), remetendo as lesbiandades ao “(des)conhecimento”.

Sedgwick, ao refletir sobre o “armário”, afirma que:

Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. (SEDGWICK, 2007, p. 22)

O “armário”, ou seja, a imposição social que permeia a suspeita da revelação – pública ou não – das identidades sexuais dissidentes, vem muitas vezes acompanhada de sentimentos angustiantes.

Val Flores foi professora do ensino fundamental durante quinze anos em escolas públicas no estado de Neuquén, Argentina, e teve como suporte de suas ações educativas, a *Lei 26.150 da ESI - Educação Sexual Integral de 2006*. Ela “saiu do armário” em sala de aula e, na escola, produziu uma série de reflexões com as(os) alunas(os) ao propor oficinas de sexualidade.

Começou por falar de si mesma dizendo que era lésbica, que tinha namorada e mostrou fotos da ex-namorada falando que viveram por três anos juntas porque tinham se apaixonado, depois brigaram e se separaram. Após contar a história, perguntou o que passava pela cabeça deles(as) e, então, houve um tremendo silêncio.

Espera-se lidar, quando se “sai do armário”, com reações variadas, como as que os alunos tiveram com Val, ao fazer comentários como “Está muito bem, profe!”, “A vida é sua!”, “Eu a felicito, não me importa o que você é.”, “Vocês fazem sexo?”, “A diretora sabe?”, até reações mais conservadoras como “É um problema seu.”, “Nada, a vida é sua.”, “É mentira.”, “Prostituta é o mesmo que lésbica?” (FLORES, 2005, p. 48).

Sobre uma de suas primeiras experiências de “saída do armário” em sala de aula, Val diz ter sido uma experiência muito forte pra ela, mas pôde comprovar que só “[...] criando condições favoráveis para um certo nível de escuta, para abrir a possibilidade de descobrir e compreender aquilo que é inomeável, impronunciável, que é o desejo lésbico”. (2005, p. 49)

Após esse episódio, não tardou para que, em reuniões de pais e mães, aparecesse uma mãe dizendo que depois dela ter dito que era lésbica, a filha dela ficou muito mal; que a família também ficou muito mal e que as notas dela, em geral, tinham caído.

Mesmo que Val não tivesse notado diferença de comportamento na aluna em suas aulas, foi pessoalmente conversar com a aluna, que disse que sua mãe havia entendido mal, que ela não havia dito isso.

Val perguntou às alunas e aos alunos sobre as impressões delas (es) sobre ela “sair do armário”. Muitas(os) alunas(os) disseram que não se sentiram mal ou

incomodadas(os). E, a partir disso, as(os) alunas(as) se sentiram à vontade para perguntar se ela “[...] tinha namorada ainda, como se chamava, se tinha relações sexuais, desde quando tinha esse “costume”, se já tinha ficado com homem, que idade tinha estado pela primeira vez com uma mulher [...]” (2005, p. 51).

As indagações e curiosidades das (os) alunas (os) são exemplos para entender como o silêncio opera produzindo ignorância sobre as lésbicas. Essa *paixão pela ignorância*⁴⁴, produz um tipo de conhecimento que é a suposição de que todas as professoras são heterossexuais porque são mulheres. E, como a sociedade está em um regime heteronormativo,

Se o modelo feminino do magistério se cria confirmando a feminilidade das mulheres, “a mulher” se traduz em um armário para as professoras lésbicas. A construção hegemônica da feminilidade das mulheres coloca um espartilho nas mulheres em geral, e nas lésbicas em particular, em atributos e comportamentos que tendem à subordinação e à passividade. Poderíamos ir mais além deste pensamento e pensar nos efeitos que essa construção gera na constituição das mulheres docentes como produtoras de saberes, como trabalhadoras intelectuais. Talvez esta seja uma das tantas explicações que dão conta do motivo pelo qual as professoras⁴⁵ não têm desenvolvido uma consciência de gênero a respeito do trabalho pedagógico. (FLORES, 2005, p. 59)

Ao criticar a escola como produtora de saberes heterossexualizantes⁴⁶ que formam corpos de professoras mulheres *senhoritas* e que silenciam as professoras lésbicas e deserotizam seus corpos, val flores – situada em uma prática pedagógica antinormativa – faz menção também à *professora lesbiana* enquanto uma figuração. Ao abrir caminhos pelos diálogos estabelecidos na escola, suas reflexões críticas e sua própria visibilidade enquanto lesbiana, val afirma que:

O saber que toma a palavra cria possibilidades relativas a

⁴⁴ val flores escreveu um artigo que aborda especialmente este tema intitulado: “*Entre secretos y silencios. La ignorancia como política de conocimiento y práctica de (hétero) normalización*”. Citamos um trecho resumidamente explicativo: “A este conocimiento (la heterosexualidad) que produce desconocimiento (sexualidades disidentes), Britzman le llamará “*pasión por la ignorancia*”, o casos de normalidad exorbitante. Esta pasión por la ignorancia se relaciona con la represión, con olvidar una idea, con separar la idea del afecto. Expresiones como: “yo no sé nada de eso”, “eso no tiene nada que ver conmigo”, sustentan la labor de la ignorancia.” (2008, p. 18)

⁴⁵ Neste trecho, a tradução de *professoras* está relacionada a *maestras*, que, na Argentina, são professoras dos ciclos iniciais de ensino, equivalentes ao ciclo 1 do Ensino Fundamental, para crianças de 6 a 12 anos.

⁴⁶ A autora se baseia na ideia de *heterossexualização dos saberes* tal como Eve Sedgwick escreveu em *A epistemologia do armário*.

impossibilidades admitidas até então e não elucidadas, cria um lugar onde uma palavra que rejeita ou se recusa é possível. Uma professora lésbica era antes uma impossibilidade. Hoje, dado que as posições de gênero e sexuais se multiplicaram e que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas, *a figuração de uma professora lésbica*, visibilizada em sua identidade sexual, abre possibilidades de se vincular a sexualidade e a produção de conhecimento de outra forma, instalando o erotismo, enquanto um saber corporizado, como condição dessa produção. (FLORES, 2005, p. 66)

Logo, criar uma figuração como a da *professora lesbiana*, está calcado em elaborar uma contramemória, encarnada, baseada em fatos sócio-históricos e uma genealogia das mulheres.

val considera importante que essas narrativas sobre a *professora lesbiana* circulem para produzir um alívio àquelas docentes lésbicas que estão “no armário” dentro da escola e que talvez pouco saibam como lidar com esse sofrimento.

O empenho em inventar figurações, como fez val flores com a criação da *deslenguada* e da *professora lesbiana*, advém de um compromisso, e do reconhecimento da urgência política em construir novas narrativas que encontrem suas ressonâncias disruptivas da heteronormatividade, no momento em que se conhecem essas *figuras dissidentes*.

Podemos inferir que val propõe intervir nas políticas de conhecimento⁴⁷, através de sua deseterossexualização, intervindo em nível institucional junto ao quadro de funcionárias(os) como faxineiras(os), professoras(es), diretoras(es), inspetoras(es), na sala de professoras(es), sugerindo a realização de discussões e oficinas reflexivas acerca de gênero e sexualidades, numa perspectiva dissidente e deseterossexualizante para desmontar a ideia de *professora como segunda mãe*.

4.4 Ativismo

Ativismo é o terceiro eixo pelo qual val flores trabalha a linguagem. Referimo-nos ao ativismo da linguagem visual e performática em intervenções públicas, ações de rua e vídeo-performances das suas produções.

Apresentamos, nesse item, como seu ativismo constitui caráter multifacetado, expressando-se na escritura sua forma principal de ativismo,

⁴⁷ O trabalho de val está baseado em uma micropolítica do acontecimento, distanciando-se de um projeto liberal desenvolvimentista.

perpassando tanto a linguagem, com seus escritos em livros, artigos, zines e *blogs*, como as práticas docentes, além de estar presente nas atividades interventivas nos espaços públicos que realiza diretamente. val afirma que:

A produção de conhecimento como prática situada e neste caso implicada, é uma linha vertebral do meu ativismo como lésbica feminista *cuir*. Mas que a luta de titãs, espetacularizada e massiva, a aposta é a revolução em escala local e com minúscula, a batalha lúdica, política, mordaz por uma produção minoritária do saber dissidente. Colaborar com o arquivo de micro-revoluções cotidianas. Aí onde não tem difusão midiática nem *flashes* de esplendor onde só nós sabemos que algo está acontecendo. Uma espécie de resistência impolítica aos modos modernos da política. (FLORES, 2013, p. 30)

val flores integrou o coletivo *Fugitivas del Desierto*, uma iniciativa de afinidade política e afetiva entre lesbianas no estado de Neuquén, na Argentina.

As atividades realizadas pelo coletivo consistiam em intervenções públicas pela cidade, que debatiam questões como o aborto, a violência contra as mulheres, o direito a decidir sobre o próprio corpo, a liberdade de Romina Tejerina, etc.

O grupo de lesbianas tinha como objetivo lutar contra a invisibilidade institucionalizada, o silêncio e a negação da existência lésbica e as políticas heteronormativas. A inspiração do grupo advinha de múltiplos saberes como as histórias em quadrinhos, poesia, ficção científica, novela policial, a pedagogia crítica e pós-crítica, a filosofia contemporânea, as artes visuais, o design gráfico, o vegetarianismo, disciplinas orientais, teoria *queer*, teoria feminista, informática, estudos culturais, práticas sexuais prazerosas e não apenas reprodutivas etc. para realizar as ações que eram expressas em instalações, intervenções urbanas, textos e objetos.

Na foto a seguir, as lesbianas de *Fugitivas del Desierto* estão em uma intervenção de rua, denunciando não só “[...] o maltrato e a violência contra as mulheres e todo aquele considerado ‘feminino’, mas também para por em evidencia as formas de resistência à essa violência. ‘Se a violência circula, nossa resistência também’” (LESBIANAS FUGITIVAS⁴⁸, 2006).

Figura 5 – *Fugitivas del Desierto* no Dia Internacional de Combate à Violência contra as Mulheres, em 25 de novembro.

⁴⁸ Ver <http://lesbianasfugitivas.blogspot.com>.

Fonte: LESBIANAS FUGITIVAS (2006)

O grupo nomeou-se *Fugitivas del Desierto*, por fazer uma reflexão sobre o local de suas ações: o Estado de Néuquen, uma paisagem da Patagônia argentina que, no imaginário social, está associada ao deserto.

Segundo val:

[...] o deserto patagônico é produto do imaginário da viagem imperial, e foi se constituindo como o lugar ideal onde atualizar fantasias masculinistas e heterossexistas. Portanto, o deserto tampouco é uma paisagem da ordem do 'natural'. (RIMAWEB, 2004)⁴⁹

Portanto, o grupo se propôs durante anos a deseterossexualizar a paisagem árida do deserto-cidade em que viviam, “desde uma perspectiva irônica e inconformista”; resistindo em suas ações contra as violências e reafirmando modos de existência dissidentes, lesbianizando o cenário da cidade com cenas inusitadas, criando outras possíveis realidades. O mesmo grupo tinha uma outra identidade, chamado *Trolas del Desierto*⁵⁰, com a intenção de “recuperar o insulto para recriá-lo”, eliminando o pejorativo num esforço de afirmação.

⁴⁹ Disponível em: https://anterior.rimaweb.com.ar/safopiensa/reflex_les/valeria_fugitivas.html. Acesso em 15 de agosto de 2018.

⁵⁰ Grupo do qual val flores também participou.

Figura 6: mostruário de autodefesa para meninas⁵¹

Fonte: FUGITIVAS DEL DESERTO (2008)

As *Fugitivas del Desierto* compartilham a perspectiva de que as produções artísticas e culturais realizadas pela dissidência expressam seu potencial disruptivo,

A questão política da produção de subjetividade é a frente de batalha principal para todo o projeto que busca reconstruir algumas pontes e amarras entre o político e a arte, potenciando os imaginários radicais. Por isso, é prioritário questionar o suposto ideal burguês da estética como contemplação pura e desinteressada do que é “belo”, em nome do materialismo crítico de uma concepção da arte como prática de sinais inseridas nas tramas do antagonismos e confrontações da matéria social, que permita que o dissidente, anormal, inferior (sejam: mulheres, lésbicas, etc) exerça a sua força político-discursiva da desorganização das mensagens culturais petrificadas. Nesse sentido, se atrever a fazer parte das políticas do sentido desde posições discursivas divergentes e não lineares, desde nossos desejos inadequados, é arriscar para o lema “A imaginação ao poder” a potencialização crítica daquela busca com tendência para relacionar as dinâmicas de conformação de identidades que fogem da normalidade -constitutiva de sujeitos “legítimos” e subjetividades inteligíveis - com a criação de novas linguagens e formas culturais que desloquem/relequem/confrontem seus sinais com os da estética dominante. (FUGITIVAS DEL DESIERTO, 2008)⁵²

⁵¹ A tradução dos dizeres na imagem, em sentido horário são: “Tua colega é uma possível aliada, não tua concorrência; “rompa o silêncio e o isolamento”; “quando uma menina estiver sendo agredida, busque ajuda”; “o que passa a outra também importa”; “construa teus afetos desde a confiança e o respeito”; os/as namorados/as vão e vem, as amizades ficam”; “não justifique comentários grosseiros de teus colegas contra outras meninas”.

⁵² Tradução nossa de “La cuestión política de la producción de subjetividad es el frente de batalla principal para todo proyecto que busque reconstruir algunos puentes y anudamientos entre lo político y el arte, potenciando los imaginarios radicales. Por eso, es prioritario interrogar el supuesto idealista-burgués de la estética como contemplación pura y desinteresada de lo bello, en nombre del materialismo crítico de una concepción del arte como práctica de signos inserta en las tramas de antagonismos y confrontaciones de la materia social, que permita que lo disidente, anormal, inferior (llámese: mujeres, lesbianas, etc) ejerza su fuerza político-discursiva de desorganización de los mensajes culturales petrificados. En este sentido, atreverse a tomar parte en las políticas del sentido

Figura 7: cartaz

Fonte: LESBIANAS FUGITIVAS (2008)

Neste cartaz produzido com humor pelas *Lesbianas Fugitivas*, a heterossexualidade está no centro, mas desta vez como tema de saúde, o que é inusitado.

Quando a heterossexualidade não aceita ser questionada, por se considerar a única e verdadeira, rejeitando as inteligibilidades das sexualidades, reafirma sua posição de uma sexualidade que é apaixonada pela ignorância.

As *Trolas del Desierto* produziram textos de insurreição, publicados no *blog*⁵³, dentre os quais, destacamos os parágrafos seguintes por sua força política:

- Nossa missão: a desordem, para traçar uma geografia de micro-insurreições, que construa um tecido comunitário *under* para resistir a

desde posiciones discursivas discrepantes y no lineales, desde nuestros deseos inadecuados, es aventurar para la consigna 'La imaginación al poder' la potenciación crítica de aquellas búsquedas tendientes a relacionar las dinámicas de constitución de identidades que huyen de la normalidad - conformadora de sujetos 'legítimos' y subjetividades inteligibles - con la creación de nuevos lenguajes y formas culturales que disloquen/desplacen/confronten sus signos con los de la estética dominante."

⁵³ <http://lesbianasfugitivas.blogspot.com/2008/> Acesso em: 03 de dezembro de 2018.

erradicação de saberes e poderes que vêm da dissidência sexual. Desorganizar o corpo, o gênero, as forma de fazer sexo.

- A estratégia: uma imaginação profusa e delirante, recusando ser o corpo da seguridade pública.

- O campo de batalha: qualquer lugar, a casa, a escola, o escritório, a fábrica, a rua, mas principalmente, nossa imaginação. Saquear o capital, suas imagens, suas tecnologias, seus dispositivos, seus mapas, deixar de fazer sexo para o capital. A seguridade é o terreno de punição de nossas rebeldias.

- Requerimentos básicos: overdose de tédio e vontade de convulsionar a passividade e o estigma.

- Alguns recursos disponíveis: ficções políticas construídas pelos feminismos dissidentes e *queer*, uma análise sexopolítica da economia mundial, a arte e ativismo como contra-laboratórios virtuais da produção de identidade. Micro-dose de alquimia e heresia. Fabulações da multiplicidade de desejos, práticas e estéticas.

- A praxis das insurrectas se torna conhecimento experimental, transformação de comportamentos sexuais, invenções de novas linguagens. Nosso corpo é a plataforma que faz com que seja possível a materialização da imaginação política, conector somático pelo qual circula o poder. A imaginação de insurrectas não adere e luta contra a tentação messiânica: “alguém virá para nos salvar”, e contra a tentação apocalíptica: “não há nada a fazer”. (TROLAS DEL DESIERTO, 2008)⁵⁴

Tanto as *Fugitivas del Desierto*, como as *Trolas del Desierto*, partem dessa concepção, de que se faz necessário pensar as resistências a partir desses grupos – mulheres, lésbicas, negras, imigrantes, etc. – enquanto *lócus* privilegiado de produção de novos imaginários políticos, quizás uma maquinaria de produção de mitos, de novos sujeitos e subjetividades.

Sobre a experiência de viver em Néuquen, val flores reconhece-se como

⁵⁴ Tradução nossa de “- Nuestra misión: el desorden, para trazar una geografía de micro-insurrecciones, que construya un tejido comunitario under para resistir la erradicación de saberes y poderes que provienen de la disidencia sexual. Desorganizar el cuerpo, el género, los modos de hacer sexo.

- La estrategia: una imaginación profusa y delirante, negándonos a ser el cuerpo de la seguridad pública.

- El campo de combate: cualquier lugar, la casa, la escuela, la oficina, la fábrica, la calle, pero principalmente, nuestra imaginación. Saquear el capital, sus imágenes, sus tecnologías, sus dispositivos, sus mapas, dejar de hacer sexo para el capital. La seguridad es el terreno de punición de nuestras rebeldías.

- Requerimientos básicos: sobredosis de hastío y ganas de convulsionar la pasividad y el estigma.

- Algunos recursos disponibles: ficciones políticas construidas por los feminismos disidentes y queer, un análisis sexopolítico de la economía mundial, el arte y activismo como contra-laboratorios virtuales de producción de identidad. Micro-dosis de alquimia y herejía. Fabulaciones de la multiplicidad de deseos, prácticas y estéticas.

- La praxis de insurrectas deviene saber experimental, transformación de conductas sexuales, invención de nuevos lenguajes. Nuestro cuerpo es la plataforma que hace posible la materialización de la imaginación política, conector somático a través del cual circula el poder. El imaginario de insurrectas no adhiere y combate a la tentación mesiánica: “alguien vendrá a salvarnos”, y a la tentación apocalíptica: “no hay nada que hacer”.

branca, mas observa que, na cidade de Buenos Aires, sua branquitude não tem a mesma conotação.

Pensar como as identidades são lidas de acordo com o contexto para ela é importante como meio de avaliar os privilégios raciais, em um exercício de autorreflexão e um alerta constante dos privilégios de habitar uma identidade branca, mesmo sendo da classe trabalhadora.

Segundo a autora, tais reflexões servem para compreender nossas próprias construções epistemológicas, nosso modo de pensar para, assim, desaprender os modos de pensamento do norte e eurocêntricos. A seguir, compartilhamos o mapa da Argentina, onde é possível visualizar o Estado de Neuquén:

Figura 8 – Mapa da Argentina

Fonte: GUIAGEO – AMÉRICAS (2018)

val flores esteve presente na criação do arquivo digitalizado do ativismo lésbico da Argentina *Potência Tortillera* (2011), iniciativa que mantém permanentemente a coleção de memórias de produções gráficas e teóricas, registros fotográficos e sonoros, encontros reflexivos e ações diretas nas ruas de grupos e ativistas lesbianas de diferentes momentos históricos, de múltiplas posições políticas,

de diferentes geografias de Argentina.

flores faz uma crítica aos modelos pré-estabelecidos de ocupação de posições, espaços, instituições, e às maneiras determinadas de fazer ativismos, enfim, de limites. Neste tocante, a autora, diz que é:

Intelectual em demasia para o ativismo, ativista em demasia para a academia, feminista em demasia para a poesia, radical em demasia para a pedagogia, política em demasia para ser professora, dissidente em demasia para a política da identidade, sapatão em demasia para ser professora, professora em demasia para a hierarquia do saber, tímida em demasia para a oratória política, provinciana em demasia para a capital, prosexo em demasia para um feminismo que ainda teme falar de sexo, teórica em demasia para ser trabalhadora. (FLORES, 2015, p.5)

A autora, aparentemente, “deslinguando-se”, ecoa em um não-lugar, mas que os habitou encarnadamente para falar de cada um deles.

Atualmente, a escritora participa como agente de programa de formação, investigação e produção do centro de investigações artísticas (CIA, BsAs - Buenos Aires). Em seu blog pessoal⁵⁵, ela se autodenomina como “escritora maestra tortillera masculina feminista heterodoxa queer prosexo postfugitiva sudaka antiespecista”.

⁵⁵ ESCRITOS HERETICOS. Ver: <http://www.escritoshereticos.blogspot.com>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao fim⁵⁶ da pesquisa de mestrado *Deslenguada, uma figuração da dissidência em val flores* no que tange a uma escrita a partir de recortes metodológicos, levantamento e leituras bibliográficas – de livros, sites, *blogs*, entrevistas de rádio, arquivos etc – que compuseram a coleta de dados para a composição desta dissertação.

Nosso objetivo foi analisar a figuração na obra *Deslenguada: desbordes de uma proletária del lenguaje*. Com isso, refletimos sobre os diversos usos da linguagem imersos nas relações de poder⁵⁷.

Iniciamos o primeiro capítulo como capítulo introdutório. No segundo capítulo, abordamos os aportes metodológicos que consideramos mais apropriados para a realização desta pesquisa. Com uma abordagem qualitativa, utilizamos a Análise do Discurso, que é uma ferramenta que possibilita refletir sobre os discursos de maneira a desvelar seus procedimentos, sendo possível elaborar uma crítica às epistemologias.

Ainda no mesmo capítulo, apresentamos uma série de *figurações* que ilustraram as mais variadas possibilidades de produção de imaginação política.

Para isso, percorremos a *crítica feminista da ciência*, que aparece como um campo do saber que questiona a produção dos saberes patriarcais brancos eurocêntricos. Assim, temos a produção dos *feminismos negros*, do *feminismo da diferença*, do *feminismo interseccional*, e da produção de uma forma de fazer ciência que corporifica os saberes, localiza quem está produzindo e em que lugar do mapa estão sendo produzidos os saberes. Uma escrita encarnada possibilita desuniversalizar os sujeitos pois os lugares, os povos, e as experiências são diferentes em cada região do mapa. Assim como, consideramos que *Deslenguada* foi produzida a partir dessa perspectiva.

No terceiro capítulo, apresentamos algumas pistas pelas quais

⁵⁶ O contexto da pesquisa dessa dissertação compreende o início do golpe político brasileiro em 2016 e finaliza em meio às eleições presidenciais de 2018. Cada dia de escrita compreendeu a imersão cotidiana acompanhando os retrocessos absurdos que o país atravessou nesse período e ainda atravessa, bem como a percepção de que precisamos reciclar e aprender novas e variadas formas de luta e de fazer movimento contra os avanços políticos que não têm outro objetivo senão o de exterminar as populações marginalizadas para a manutenção do capital.

⁵⁷ Ao longo do texto utilizamos mecanismos de transgressão da linguagem, através da utilização de nomes próprios em letra minúscula, metáforas, neologismos e gírias.

compreendemos a *deslenguada* enquanto figuração dissidente através do que chamamos de *transbordamentos*. A partir de excertos do livro, discorreremos então sobre o *Transbordamento que anseia por conexão*, *Transbordamento antirascista*, *Transbordamento rebelde*, *Transbordamento que situa a exploração da América Latina* e *Transbordamento contra os feminicídios*.

No mesmo capítulo, falamos sobre o conceito de *heterossexualidade compulsória*. Em *Deslenguada*, o prazer da fruição e da criatividade, não mais atados pela sexualidade compulsoriamente heterossexualizada e minimizada, dá lugar a eroticidade com toda sua potência, desembocada nas páginas do livro.

Consideramos que as dissidências sexuais estão sub-representadas nos meios de comunicação. A inteligibilidade pela qual ela se torna visível é relacionada às notícias de morte, assassinatos, de forma estereotipada em baladas e clubes de prostituição, ou em eventos pontuais, como é o caso das Paradas Gays. É visível também quando é envolta numa atmosfera de defesa de direitos LGBTs que reproduzem os interesses do Estado, apresentando o casamento como ascensão à virtude ou ao caráter, muitas vezes formatando os modos de vida tão inventivos das identidades dissidentes em cópias do modelo heterossexual de viver. Outrora, reafirma uma ideologia consumista maquiada pela tolerância à diversidade.

No capitalismo globalizado não há espaço para diferenças. A tentativa de homogeneizar os sujeitos impõe um *logos* universal, que é submetido às logicas de vida mercantilizadas, de consumo e de perda das singularidades. Desse modo, a misoginia, o racismo, a xenofobia, a lgbtfobia etc., são produzidos estruturalmente para manter as engrenagens capitalistas; por isso é também chamado de *cisheteropatriarcado branco capitalista*.

Consideramos que a linguagem é parte dessa engrenagem, cuja inteligibilidade é heterossexualizada e heterossexualizante. Acreditamos que este conceito tem sido uma referência imprescindível sobre a resistência aos silenciamentos no campo da linguagem, do uso da potência da imaginação materializada nas criações artísticas e da escrita.

A forma como a autora do livro esboça narrativas de resistência, aponta para caminhos de subversão que nos impulsiona à criação de diálogos, mundos e narrativas. Dessa forma, como que impulsionando a autorização do uso imaginativo, a contramemória produzida nas narrativas de *Deslenguada* inscreve a obra em uma produção dissidente, e deixa a imaginação solta, livre para compor pensamentos

subterrâneos.

No quarto e último capítulo, apresentamos a ideia de *proletária da linguagem*, e discorremos sobre a autora da obra e sua impetuosidade em produzir figurações. Seu trabalho não está desvinculado em nenhum momento da sua ética política, seja na escritura, na docência ou no ativismo.

O reconhecimento da pluralização de imagens, textos, novelas, roteiros, filmes, prosa, poesia, canções e teorias que descentralizam o imaginário heteronormativo, é um eixo pelo qual nos guiamos para defender a potência do trabalho da proletária da linguagem.

O tensionamento de forças no campo da linguagem pode ser notado na obra de Valéria, quando ela remonta um universo da lesbiandade e *queer* através de sua escrita.

Por fim, concluímos que a figuração *deslenguada* é capaz de deseterossexualizar o conhecimento e, portanto, capaz de desestabilizar os “[...] regimes de poder que são convergentes de opressão masculinas e heterossexistas” (BUTLER, 2003, p. 59). Se a linguagem é um terreno de disputa, e incide sobre a produção de subjetividades, entendemos a produção literária dissidente como máquina de produção de subjetividade. Assim, a proletária da linguagem trabalha as palavras nas engrenagens de imaginações insubmissas.

Transbordar, “desbordar”, borrar fronteiras, pois são elas que anunciam as guerras. Transbordar como gesto político, uma provocação linguística, que tal como a *deslenguada*, se esparrama incapturável sobre as bordas, esticando os limites da imaginação.

REFERÊNCIAS

ANZALDUA, G. La conciencia de la mestiza: rumo a uma nova consciência. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 704-719, dez. 2005.

_____. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

_____. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229, jan. 2000. ISSN 1806-9584. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>>. Acesso em: 10 agosto 2018.

_____. Los movimientos de rebeldia y las culturas que traicionan. In: HOOKS, B. et al. *Otras inapropiables: feminismos desde las fronteras*. Madrid: Editorial Traficantes de Sueños, 2004.

ARAÚJO, L. A.; OLIVEIRA, E.C.S. Confeccionando Resistências: uma estória mestiza. **Violência contra as mulheres: direitos e políticas públicas em perspectivas multidisciplinares**. Goiânia, Editora UFG, 2018, p. 167-187.

ARRUDA, L. A. **Estratégias desconstrutivas**: a crítica feminista da representação. 2013. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

_____. Translesbianizando o olhar: representações na margem da arte. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 23(1): 312, jan-abr/2015

ASBERG, C. The arena of the body: the cyborg and feminist views on biology. In: BUIKEMA, R. and TUIN, I. V.D. **Doing Gender in Media Art and Culture**. London: Routledge, 2009.

BARROS, L. **Poema**. 1979. 1 fotografia, p&b. Disponível em: <<https://vimeo.com/user10964402/about>> Acesso em: 15 out. 2018.

BELUCCI, M. Coalisões queer: aborto, feminismo e dissidências sexuais de 1990 a 2005 em Buenos Aires. In: BLAY, E.V. & AVELAR, L. (orgs.) **50 anos de feminismo: Argentina, Brasil e Chile**. Edusp, 2017, p. 173-218.

BIROLI, F. Teorias feministas da política, empiria e normatividade. **Lua Nova**, São Paulo, 102: 173-210, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n102/1807-0175-In-102-173.pdf>>

BRASIL. **Lei Maria da Penha**. Lei 11340 de 7 de agosto de 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm>

_____. **Lei 13104** de 9 de março de 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm>

BRAIDOTTI, R. Diferença, diversidade e subjetividade nômade. Tradução: Roberta Barbosa. **Labrys: estudos feministas**, n. 1-2, jul. / dez. 2002. Disponível em: http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Diferenca_Diversidade_e_Subjetividade_Nomade.pdf > Acesso em: 10 ago. 2018.

_____. Dymrna and the figuration of the woman warrior. In: BUIKEMA, R. and TUIN, I. V.D. **Doing Gender in Media Art and Culture**. London: Routledge, 2009.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.

CANCLINI, N. G. De que hablamos cuando hablamos de resistência. **Revistarquis**, v.2, n.3, 2013. Disponível em: <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/revistarquis/article/view/8618/8147> > Acesso em: 10 ago. 2018.

CEVA, A.L.A. **Intelectuais negras**: escrituras de mulheres negras brasileiras e angolanas como instrumento de resistência cultural. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

COLLING, L. A emergência dos ativismos das dissidências sexuais e de gêneros no Brasil da atualidade, **Sala Preta**. Vol. 18, n.1, p. 152 -157. Disponível em:< <http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/125684>>

COLLINS, P.H. Black feminist thought in the matrix of domination. In: **Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. Boston: Unwin Hyman, 1990.

COSTA, Claudia de Lima; ÁVILA, Eliana. Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o "feminismo da diferença". **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 691-703, dec. 2005

COSTA, J. F. **História da Psiquiatria no Brasil**: um corte ideológico. Editora documentário, Rio de Janeiro, 1976.

ESCRITOS HERETICOS. Disponível em: <http://escritoshereticos.blogspot.com/>>

FLORES, V. & GUTIERREZ, M.L. **Las transtornadas entrelíneas o três tristes trolas**. Editora Milena Caserola, 2015.

_____. La sangre del Pueblo tambien es lesbiana: la experiência artístico política de lesbianas en la resistência (1995-1997). In: **Revista Debate Feminista**, Volume 54, págs. 63-83. Setembro de 2017.

FLORES, V. **Notas lesbianas**: Reflexiones desde la disidencia sexual. Ed. Hipólita, 2005

_____. **Deslenguada**: Desbordes de una proletaria del lenguaje. Editora Ají de Pollo, 2010.

_____. **Interruções.** Ensayos de poética activista. Editora La Mondonga Dark, 2013.

_____. **El sótano de San Telmo.** Una barricada proletária para el deseo lésbico en los setenta. Editora Madreselva. Buenos Aires, 2015.

_____. La intimidad del procedimiento: Escritura, lesbiana, sur como prácticas de si. **Revista Badedec** – del centro de Estudios de Teoria y crítica literária, Ciudad de Rosário – en su volumen 6 n.11 de septiembre de 2016.

FONTGALAND, A; CORTEZ R. **Manifesto Ciborgue.** Disponível em <<http://ea.fflch.usp.br/obra/manifesto-ciborgue>> Acesso em 09.jul. 2018

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade** – A vontade de saber, vol. 1, Rio de Janeiro: Graal, 1977.

_____. **A ordem do Discurso.** São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **A Arqueologia do Saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FUGITIVAS DEL DESIERTO. Foto e ilustração. Disponível em: <<http://www.lesbianasfugitivas.blogspot.com>>

GEHARDT, T. E; SILVEIRA, D.T. (orgs.) **Métodos de Pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008.

GUIA GEOGRÁFICO DAS AMÉRICAS. Mapa da Argentina. Disponível em: <<http://www.gioageo-americas.com/argentina/mapas.htm>>

GUSTANOV. [Ilustração para o zine Desmontar la lengua del mandato crear la lengua del desacato]. 2014. 1 **ilustração.** Disponível em: <<http://disidenciassexual.wixsite.com/desmontarlalengua/fanzine>> Acesso em: 10 ago. 2018.

GUTIERREZ, M. L. Entre las intervenciones feministas e el arte de mujeres. **Revista Asparkia**, n. 27, p. 65-78, 2015

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Antropologia do ciborgue.** Belo Horizonte: Autêntica, p. 35-118, 2009.

LORDE. A. **Sister, outsider: essays and speeches.** Nova Iorque: the crossing press feminist series, 1984.

_____. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. In **Cadernos Pagu**, pp. 07- 41, 1995.

_____. **Ciencia, cyborgs y mujeres.** La reinención de la naturaleza. Trad. Manuel Talens. Cátedra, 1991.

MARTINS, H. H. T. S. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

OLIVEIRA, J.M.; AMANCIO, L. Teorias feministas e representações sociais: desafios dos conhecimentos situados para a psicologia social. **Revista Estudos Feministas**, vol.14, n.3, 2006.

ORLANDI, E. P. **Discurso em análise.** Sujeito, sentido, ideologia. 2. Edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

_____. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

ORTNER, S. Dark anthropology and its others: theory since the eighties, **Hau – Journal of Ethnographic Theory**, vol. 6, n. 1, 2016.

POTENCIA TORTILLERA. Disponível em: <<http://potenciatortillera.blogspot.com/>>

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. **Perspectivas Latinoamericanas.** Edgardo Lander (comp.) CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, Argentina. Julio de 2000.

RAGO, M; MURGEL, A.C.A. T. (org.). **Paisagens e tramas:** o gênero entre a história e a arte. Intermeios, 2013.

RAMOS, J.R.O. Figuras potentes para uma escrita ciborgue na antropologia. **Revista Florestan Fernandes.** Ano 4 – n. 6, p. 86-106, 2017.

RANDOLPH, L. Cyborg (1994). In: **Doing Gender in Media Art and Culture.** London: Routledge, 2009.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala.** Editora Letramento: Justificando, 2017.

RICH, A. Notes towards a politics of location. In: **Blood, Bread, and Poetry:** Selected Prose 1979-1985. New York: W.W. Norton & Company, 1986.

_____. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas - Estudos gays:** gêneros e sexualidades, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012.

RICHARD, N. **Intervenções críticas:** arte, cultura, gênero, política. Editora UFMG, 2002.

RIMAWEB. **Rede Informativa de Mujeres de Argentina.** Disponível em: <<https://anterior.rimaweb.com.ar>>

ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B. Análise de conteúdo e análise do discurso. Aproximações e afastamentos na reconstrução de uma trajetória. **Revista ALEA** vol. 7 n. 2 , julho - dez 2005, p. 305-322

SÁNCHEZ, Rosaura. **The Politics of Representation in Chicana/o Literature**. University of Califórnia San Diego, 1994. Mimeo.

SANTANA, N. M. C. & SANTOS, R. A. Projetos de modernidade: autoritarismo, eugenia e racismo no Brasil do século XX. In: **Revista de Estudios Sociales** [En línea], 58 | Octubre 2016, Publicado el 15 diciembre 2016, consultado el 27 febrero 2018. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/revestudsoc/295>>.

TORRES, Sonia. La conciencia de la mestiza /towards a new consciousness: uma conversação inter-americana com Gloria Anzaldúa. **Revista Estudos Feministas**. 2005, vol.13, n.3, pp.720-737

TROLAS DEL DESIERTO. 2008. Disponível em: <<http://www.lesbianasfugitivas.blogspot.com>> Acesso em: dez.2018.

WASELFISS, J. J. **Mapa da Violência no Brasil**: Homicídio de Mulheres no Brasil. Brasília-DF, 2015. Disponível em: <https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf>

WITTIG, M. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. Trad. De Javier Sáez y Paco Vidarte. Editorial Egales, 2006.